

ILUSTRAÇÃO

N.º 231—10.º ano





O MUNDO NA MÃO

Pequena enciclopédia popular de conhecimentos úteis
organizada por um grupo de professores e homens de letras

À VENDA

a 2.^a edição ilustrada com mapas e muitas gravuras

O MUNDO NA MÃO

é indispensável a toda a gente pois, dum modo geral reúne tudo quanto a cultura humana tem produzido no campo das ciências, das artes e das letras

É um livro de tudo e para todos

dispensa centos de livros, poupa trabalho e fornece com rapidez,
a quem o consulte, o esclarecimento desejado

O MUNDO NA MÃO

é verdadeiramente o livro mais popular de estudo e de consulta que deve existir em casa, no escritório, na oficina e nas escolas

1 volume de 824 páginas, em óptimo papel, elegantemente encadernado em percalina com gravura a côres e ouro, Esc. 30\$00; pelo correio, à cobrança, Esc. 33\$00

Adquirir esta obra é ficar possuindo, NUM UNICO VOLUME, manuseável, de formato cómodo e elegante, a síntese de todos os conhecimentos humanos



Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73 — Lisboa

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃES

O meu menino

Como o hei-de gerar, criar e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado, encadernado, 17\$00; brochado, 12\$00

Pedidos à

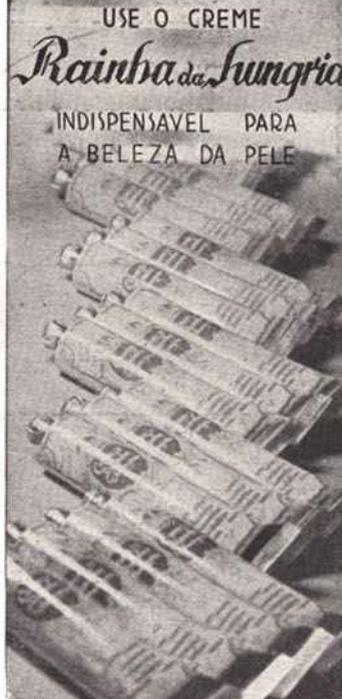
S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 LISBOA

As edições da Livraria Bertrand encontram-se à venda na Minerva Central, Rua Consiglieri Pedroso - Caixa Postal 212 Lourenço Marques

USE O CREME

Rainha da Hungria

INDISPENSÁVEL PARA A BELEZA DA PELE



DÁ-LHE A FREQUÊNCIA DA JUVENTUDE

M. CAMPOS

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA

ILUSTRAÇÃO
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Editor: José Júlio da Fonseca
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa
Preços de assinatura - Em virtude do aumento dos portes do correio esta tabela anula a anterior

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular (Registada).....	30\$00	60\$00	120\$00
Ultramamar Português (Registada).....	32\$40	64\$80	129\$60
Espanha e suas colónias (Registada).....	—	64\$50	129\$00
Brasil (Registada).....	—	69\$00	138\$00
Outros países (Registada).....	—	64\$50	129\$00
	—	69\$00	138\$00
	—	67\$00	134\$00
	—	91\$00	182\$00
	—	75\$00	150\$00
	—	99\$00	198\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

À VENDA

3.ª EDIÇÃO, AMPLIADA

ALTA RODA

POR **JÚLIO DANTAS**

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS: As ideias de Lady Bradfield - A luva - Segunda mocidade - Crianças - Suas majestades - Velocidade - O baile da Embaixada - O direito dos filhos - As rosas de Sœur Jeanne - A boneca e os quatro maridos - Os pais dos nossos netos - O «Prelúdio» de Rachmaninoff - Sua Excelência a ministra - A campanha de alarme - Paz amarela - A última viagem - Três gerações - O homem de cache-nez verde - Diálogo radiofónico - Escola de maridos - As palmadas de Santo Onofre.

1 vol. de 352 págs., enc. .. 17\$00 broch..... 12\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND - 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

Uma interessante edição cinéfila

AS PUPILAS DO SENHOR REITOR

DE JULIO DINIZ

Edição ilustrada com 32 heliogravuras representando cenas com os personagens que figuram no filme extraído da notável obra do grande escritor e com uma carta prefácio de *Leitão de Barros*

1 vol. de 352 págs., no formato de 26x18,5 esplendidamente impresso em bom papel, com uma lindíssima capa, broc. 15\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 LISBOA



A dor envelhece

O dinamismo duma juventude sã, forte e inteligente, é uma das características mais simpáticas da nossa época. Os inimigos desta juventude são a doença e a dor. Nem o homem mais forte lhes resiste sem que no seu semblante se vinquem profundas rugas que desfeiam e envelhecem. Mas há um remédio - um remédio maravilhoso: CAFIASPIRINA! Um ou dois comprimidos tiram, como por encanto, as dores nevrálgicas, de dentes ou de cabeça.



Cafiaspirina

O PRODUTO DE CONFIANÇA

OBRAS DE SAMUEL MAIA

- Sexo Forte** — (2.ª edição), 1 vol. enc. 13\$00; br. 8\$00
- Braz Cadunha** — 1 vol. br. 6\$00
- Entre a vida e a morte** — 1 vol. enc. 12\$00; br. 7\$00
- Luz perpetua** — 1 vol. enc. 12\$00; br. 7\$00
- Lingua de Prata** — 1 vol. enc. 13\$00; br. 8\$00
- Mudança d'Ares** — 1 vol. br. 10\$00
- Por terras estranhas** — 1 vol. br. 4\$00
- Meu (O) menino** — (3.ª edição), 1 vol. enc. 17\$00; br. 12\$00
- Manual de Medicina Doméstica**, indispensável em todas as casas (2.ª edição), 1 vol. de 958 páginas, profusamente ilustrado, encadernado em percalina. 35\$00

À venda em todas as livrarias

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 LISBOA

O JÓGO DA MODA

MAH-JONG

Teoria, prática e regras do jôgo

Esc. 3\$00



Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE AGOSTINHO DE CAMPOS

- Alguns aspectos da literatura portuguesa**, por Aubrey F. G. Bell (tradução), br. 3\$00
- Comentário leve da Grande Guerra:**
- I — *Europa em guerra* (esgotado).
- II — *O Homem, lobo do Homem* — 304 págs., br. 10\$00
- III — *Portugal em Campanha* — 299 págs., br. 10\$00
- IV — *Latinos e Germanos* — 319 págs., br. 10\$00
- V — *A Carranca da Paz* — 316 págs., br. 10\$00
- Ensaios sôbre educação:**
- I — *Educação e Ensino* — 317 págs., br. 10\$00
- II — *Casa de Pais, Escola de Filhos* — 248 págs., br. 10\$00
- III — *Educar, na Família, na Escola e na Vida* — 352 págs., br. 10\$00
- IV — *A mãe de todos os vícios* — 293 págs., br. 10\$00
- Homem (O), a ladeira e o calhau** — br. 10\$00
- Jardim da Europa**. — br. 10\$00
- Ler e tresler**. — br. 10\$00
- Lição moral e cívica**, dada perante os alunos do Liceu Pedro Nunes, no primeiro aniversário do assassinio do Presidente Sidónio Pais 3\$00
- O pintor Carlos Reis**. — 1 fol. formato grande 4\$00
- Três prosas (As) — A pobre, a rica e a nova rica**. — 64 págs., br. 3\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**, 73, R. Garrett, 75-LISBOA

Albino Forjaz de Sampaio

A AVALANCHE

(À MARGEM DA GRANDE GUERRA)

A arte da guerra — A Alemanha — Deutschland uber alles — A ideia da força — A arte alemã — A Alemanha aventureira — Cidades flutuantes — Guerra em tempo de paz — A invasão da Inglaterra — Jelicoe — A arte e a guerra — A espionagem alemã — No coração da guerra — Soldados de Portugal — A caminho do «front» — No «front» — Na «trincha», etc.

1 vol. de 220 págs., broc. **10\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

VOCABULARIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LINGUA PORTUGUESA

FOR **A. R. Gonçalves Viana**

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional» e do «Vocabulário Ortográfico e Ortoépico da Língua Portuguesa»)

Com mais de 100:000 vocábulos, conforme a ortografia oficial

EM APENDICE: *O acôrdo ortográfico entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.*

1 VOL. COM 664 PÁG., ENCADERNADO, **15\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Obras de ANTERO DE FIGUEIREDO

- CÓMICOS** (Novela) — 276 págs., brochado 10\$00
- DOIDA DE AMOR** (Novela) — 276 págs., brochado 10\$00
- D. PEDRO E D. INES** (Romance) — 322 págs., brochado 12\$00
- D. SEBASTIÃO** — 464 págs., brochado 14\$00
- ESPANHA** — Nova edição no prelo
- JORNADAS EM PORTUGAL** — 404 págs., brochado 12\$00
- LEONOR TELES** (Romance) — 395 págs., brochado 12\$00
- O PADRE SENA FREITAS** (Conferência) — 64 págs., broch. 3\$00
- RECORDAÇÕES E VIAGENS** — 328 págs., brochado 12\$00
- SENHORA DO AMPARO** — 292 págs., brochado 12\$00
- TOLEDO** (Impressões e evocações) — *Índice: Viagens — A caminho — Chegada — «Plazas y plazuelas; calles e callejones» A Alcáçova da Saúidade — As «Sabatinas» na catedral — Missa hispano-gótica — Lealdade lusitana — «El greco» — En «San Juan de los Reys» — Conventos — A Ponte de S. Martinho — O palácio de Fuensalida — Treva! — Certo púlpito! — Último dia, última noite — Volta* — 226 págs., brochado 10\$00
- O ÚLTIMO OLHAR DE JESUS** — 375 págs., brochado 12\$00
- A ARTE NA EDUCAÇÃO DA MULHER** — (Conferência) Esgotado.
- MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO** — (Discurso) Esgotado.
- MIRADOURO, Tipos e Casas** — 320 págs., brochado 12\$00



Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

SAGRES

**COMPANHIA DE SEGUROS
LUSO-BRASILEIRA**

Séde: Rua do Ouro, 191
LISBOA

TELEFONES : 2 4171 - 2 4172 - P. B. X.

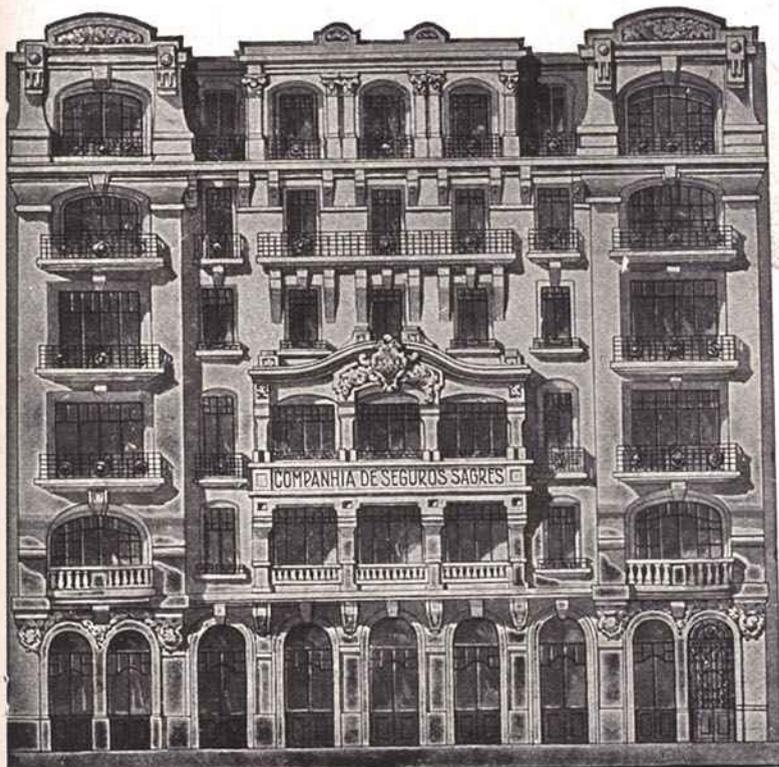
CAPITAL REALIZADO 2.500.000\$00

**Seguros de vida em todas
as modalidades**

O FUTURO DOS FILHOS E DA FAMILIA
— A GARANTIA NA VELHICE —

CONSULTEM A SAGRES

INCENDIO
MARITIMOS
AUTOMOVEIS E POSTAES



Aspecto do edificio na Rua do Ouro em Lisboa pertencente à Companhia, onde estão instalados os seus escritórios

Obras de ALEXANDRE HERCULANO

O Bôbo (Romance histórico). — 1 vol. com 345 páginas, brochado.....	10\$00
Eurico, o presbítero , (Romance). — 388 páginas, brochado.....	10\$00
O monge de Cister , (Romance). 2 vols. com 716 páginas, brochado.....	20\$00
Lendas e Narrativas — 2 vols. com 667 páginas, brochado.....	20\$00
História de Portugal (Nova edição ilustrada com numerosos documentos autênticos). — 8 vols., brochado.....	96\$00
Estudos sobre o casamento civil — 284 páginas, brochado.....	10\$00
História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal — 3 vols., 1.139 páginas, brochado.....	30\$00
Composições várias — 374 páginas, brochado.....	10\$00
Poesias — 224 páginas, brochado.....	10\$00
Cartas (Inéditas) — 2 vols. com 586 páginas, brochado.....	20\$00

Opúsculos :

Vol. I <i>Questões públicas</i> — tomo I, 311 páginas	
• II <i>Questões públicas</i> — tomo II, 341 páginas	
• III <i>Controvérsias e estudos históricos</i> — tomo I, 339 páginas	
• IV <i>Questões públicas</i> — tomo III, 300 páginas	
• V <i>Controvérsias e estudos históricos</i> — tomo II, 323 páginas	
• VI <i>Controvérsias e estudos históricos</i> — tomo III, 309 páginas	
• VII <i>Questões públicas</i> — tomo IV, 294 páginas	
• VIII <i>Questões públicas</i> — tomo V, 324 páginas	
• IX <i>Literatura</i> — tomo I, 295 páginas	
• X <i>Questões públicas</i> — tomo VI, 310 páginas	
Cada volume, brochado.....	10\$00
Scenas de um anno da minha vida e apontamentos de viagem , coordenação e prefácio de Vitorino Nemésio — 1 vol. de 324 páginas, brochado.....	12\$00

Com encadernação em percalina, mais 5\$00 por volume

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Obras de AQUILINO RIBEIRO

ANATOLE FRANCE (Estudo) — 79 págs., brochado.....	5\$00
ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES — 356 págs. brochado..	12\$00
ESTRADA DE SANTIAGO (Contos: A maldição cubra os pardais, O Malhadinhas, Valeroso milagre, A Grande Dona, Bufonaria heroica.) — 408 págs., brochado.....	12\$00
FILHAS DE BABILÓNIA (Duas novelas: Olhos deslumbrados e Maga.) — 320 págs., brochado.....	12\$00
O HOMEM QUE MATOU O DIABO (Romance) — 353 págs., broch.	12\$00
JARDIM DAS TORMENTAS (Prefácio de Malheiro Dias. Contos: A Catedral de Cordova, A inversão sentimental, Sam Gonçalo, A tentação do sátiro, Triunfal, No solar de Montalvo, A hora de Vésperas, A pele do bombo, Tu não furtarás, O remorso, A revolução.) — 328 págs. brochado	12\$00
TERRAS DO DEMO (Romance) — 332 págs., brochado.....	12\$00
VIA SINUOSA (Romance) — 360 págs., brochado	12\$00
A BATALHA SEM FIM (Romance) — 308 págs., brochado...	12\$00
AS TRES MULHERES DE SANSÃO (Novelas) — 268 págs., brochado	10\$00
MARIA BENIGNA (Romance) — 286 págs., brochado.....	12\$00
É A GUERRA — Diário da grande conflagração europeia, — 304 págs., brochado	12\$00
ROMANCE DA RAPOSA , 2.ª edição muito remodelada, com ilustrações de Benjamin Rabier, 1 vol. de 176 págs., ilustrado com 44 gravuras no texto, 16 estampas a cores em hors-texte e capa a cores.....	15\$00
ALEMANHA ENSANGUENTADA , 1 vol. de 312 págs., broc.	12\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



Quando os insectos ameaçarem o seu conforto e a saúde

Não desperdice dinheiro com insecticidas inferiores

O espectro das doenças continuará pairando em sua casa, sempre que adquirir insecticidas de qualidade inferior. Tais insecticidas constituem um perigo. Prometem-lhe protecção e todavia permitem que os insectos o torturem — expõem-no ás doenças — não lhe dão o conforto e a segurança que procura.

Por medida de precaução, certifique-se de que é realmente FLIT que lhe dão. FLIT destrói de facto os insectos, matando-os.

FLIT pulverizado não mancha.

Exija a lata amarela com o soldado, a faixa preta e selada, para sua garantia contra as imitações.



Espalhe PÓ FLIT

Mata: formigas, pulgas, percevejos, baratas, traças, piolhos, etc.
G-25



PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — **DIPLOMAS DE HONRA** na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

A' venda o 3.º milhar da

**A L E M A N H A
E N S A N G Ü E N T A D A**

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 312 págs., com capa ilustrada do pintor *Roberto*, broch. **12\$00**

Um livro destinado a um grande sucesso, pois ao nome glorioso do brilhante escritor português se alia o tema, sempre interessante da Grande Guerra. A vida alemã. — Berlim. — Da guerra para a paz, soberbamente descrita por
•• AQUILINO RIBEIRO ••

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

**Como proteger
A SUA TEZ
DO MAU TEMPO**



Acabei de encontrar uma mulher que sai todos os dias, expondo a sua pele aos efeitos irritantes do vento e do frio. No entanto, a sua tez parecia tão maravilhosamente fresca, a sua pele tão macia e tão aveludada, que lhe perguntei como, estando constantemente exposta a intempéries, ela evitava a rugosidade, o endurecimento e as manchas vermelhas da epiderme. Eis a sua simples receita:

Aplique o Crème Tokalon, Alimento para a Pele, Cór de Rosa, antes de se deitar. Ele alimenta e rejuvenesce a sua pele durante o seu sono. Aplique o Crème Tokalon, Alimento

para a Pele. Cór Branca (não gorduroso), de manhã. Embranqueador, tónico e adstringente, êle suprime os poros dilatados, os pontos negros e acalma a irritação das glândulas cutâneas. Toda a mulher ficará surpreendida e encantada do belo aspecto «mate» e aveludado que, por êste método o Crème Tokalon dá à sua tez.

A' venda nos bons estabelecimentos. Não encontrando escreva à Agência Tokalon — 85, Rua da Assunção-Lisboa, que atende na volta do correio.

**UMA PELE SUAVE,
BRANCA E AVELUDADA
É O MAIOR ENCANTO
DUMA MULHER**

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa
Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

ENCONTRA-SE entre nós a «Em-
baixada Rui Barbosa», consti-
tuida pela alma juvenil dos
estudantes brasileiros como que a
reflectir a eterna mocidade dessa Pátria distante
que sempre atraiu e enlevou os portugueses.
Sejam bemvidos! Terão o melhor lugar à
nossa mesa, como sempre o tiveram nos
nossos corações!

Do lado de cá do Oceano encontram-se
os irmãos mais velhos que, obedecendo à
imutável lei da voz do sangue, se maravi-
lham e até orgulham com os constantes
progressos dos seus irmãos mais novos que
a sorte bafejou, dotando-os com um territó-
rio imenso, fértil, delicioso e encantador.

Nesse El-Dorado distante e abençoado
brotaram os frutos duma civilização que dá
a verdadeira felicidade.

O Brasil é tão grande que não carece de
conquistas para alargar mais os seus domín-
ios que são vastíssimos; é tão fértil que
não precisa de fomentar guerras comerciais
para valorizar os seus produtos; é tão hos-
pitaleiro que todos os seu visitantes se des-
pedem do seio amigo que os acarinhou com
a maior saudade.

Recebemos a grata visita dos estudantes
brasileiros que serão os grandes homens
porventura os dirigentes desse nobilíssimo
pevo nosso irmão.

BENVINDOS!

Benvidos sejam!
Vieram colocar flores no pedestal da estátua
do nosso Luiz de Camões, não só para manifestar

o seu culto pelo maior poeta lírico de
todos os tempos, mas para demonstrar
que a epopeia gloriosa dos «Lusiadas»
também os enche de orgulho porque
também lhes diz respeito. Colocar ali um ramo
de rosas, foi o mesmo que colocá-lo sobre o
nosso peito, o mais pertinho possível do coração.



Foram curvar-se com respeito ante o monumento
aos Mortos da Grande Guerra, provando assim
que, apesar da imensa distância que separa os dois
continentes, o Brasil punge connôscos a pêr-la dês-
ses bravos que souberam morrer no cumprimento
dum dever sacratíssimo.

Ao fitarmos esse punhado de jovens diante das
pedras evocadoras do terrível cataclismo que con-
vulsiou e ensangüentou o mundo, julgamos vêr
a Pátria brasileira, em tôda a sua grandeza, em
tôda a sua generosidade, abraçada à Pátria portu-
guesa, sua irmã mais velha, a confortá-la na sua
dôr e a admirá-la no seu heroísmo.

Como não havíamos, portanto, de receber cari-
nhosamente os estudantes brasileiros, se êles são
os filhos mimosos da Pátria irmã e nossos irmãos
também?

Como não havíamos de lhes abrir o nosso cora-
ção se êles vieram como amigos queridos, reclin-
nar-se no nosso peito?

Se após a despedida, afirmarem que levam mui-
tas saudades, podemos dizer-lhes, num egoísmo
natural e enternecido, parafraseando um ilustre
poeta da nossa terra, que, ficando nós com tôdas,
não podem levar nenhuma.



ESTRAMOS já este ano em plena quadra venatória. É grande a azáfama entre os caçadores que, calcuriando vinhas e charnecas, vão perturbar a feliz solidão de coelhos, lebres e perdizes. E a todo o momento os ecos plácidos dos campos do cultivo e das matas repercutem as detonações que fazem aumentar o número de vítimas inocentes sacrificadas à gula humana.

A caça é considerada um desporto. E um dos mais belos e saudáveis, sem dúvida, se considerarmos que mantem o homem em íntimo contacto com a Natureza. Que os temperamentos sentimentais nos perdõem se assim manifestamos por ela a nossa simpatia.

Ora na hierarquia dos desportos, a caça pode orgulhar-se de ter a mais nobre estirpe. Nenhuma outra actividade desportiva pode competir com ela em matéria de prioridade de origem. A caça é contemporânea das primeiras manifestações do espírito humano. Desde a idade das cavernas, o homem procurou subjugar os animais que se recusaram a reconhecer a sua soberania sobre o resto da Criação. De começo fê-lo por necessidade, hoje por prazer. E por muito que esse prazer indigna as naturezas sensíveis, não é menos certo ser êle um dos mais intensos, com o seu misto de aventura, emoção e crueldade.

A caça tem sido praticada sem interrupção em todas as épocas da história. E não é de admirar por isso que esteja intimamente ligada às artes, à literatura e à própria religião.

Sem falar do lendário Nemrod da Babilónia, podem citar-se muitas figuras que ficaram na tradição e na

história como grandes caçadores. Santo Huberto, que foi escolhido para patrono dos que se dedicam aos exercícios venatórios, é um deles. Segundo reza a tradição popular, era governador dos palácios dos reis da Austrasia aí pelo alvorecer do século VIII. A sua paixão pela caça era tão grande que nem mesmo na Sexta Feira de Paixão deixava de correr montes e vales em perseguição dos animais bravios.

A época era propícia a milagres e sucedeu-lhe que um dia, ao atravessar uma floresta, se lhe cruzou no caminho um enorme veado sobre cuja cabeça reluzia uma grande cruz luminosa. Deslumbrado e contrito, o impenitente caçador sentiu-se tocado pela graça divina. Tomou o caminho de Roma e, tão ardente era o fogo do arrependimento que o abraçava, que o papa Sérgio o sagrou bispo. Huberto voltou à sua terra natal, na região de Liège e tantas conversões à fé católica ali operou que foi cognominado de «o apóstolo de Ardennes». Diz ainda a tradição que recebeu do céu uma estola que tinha o miraculoso poder de curar a raiva. Na cidade de Santo Huberto, no Luxemburgo belga, existe ainda uma antiquíssima estola que os fieis veneram como sendo essa.

A história do nosso país também regista o caso dum grande caçador, a quem a tradição atribue uma sobrenatural aventura. É D. Fuas Roupinho, um dos esforçados guerreiros que secundaram D. Afonso Henriques na fundação da nacionalidade.

Em 1179, uns pastores encontraram escondida numa lapa, no alto do monte Siano, uma imagem da Virgem que se dizia ter sido para ali trazida por D. Rodrigo, rei gódo, quando fugia da invasão muçulmana. Logo que soube do achado D. Fuas Roupinho foi ao local, que começou depois a visitar com frequência, animado de grande devoção pela imagem. Anos depois, a 14 de Setembro de 1182, andava D. Fuas no seu exercício favorito da caça. Estava uma manhã de nevoeiro cerrado. O caçador vagueava a cavalo pelos campos quando avistou um grande veado. Lançou o cavalo a galope em perseguição dêle e de tanto entusiasmo se tomou que não percebeu que se abeirava dum precipício. Ao vêr-se na ponta dum rochedo

que avançava sobre o Oceano, invocou a protecção da Virgem de Nazareth. E o milagre produziu-se porque o cavalo, contrariando todas as leis da dinâmica, estacou de súbito e ficou imóvel como se fizesse parte do próprio rochedo. D. Fuas

CRÓNICA VENATÓRIA

Santo Huberto D. Fuas Roupinho

Os prazeres da caça História e na Tradição

Roupinho em acção de graças pelo milagre que lhe salvara a vida fez a promessa de erigir um templo em honra da veneranda imagem, que cumpriu tempo depois.

É essa a explicação das ingénuas gravuras de Nazaré que representam a Virgem e um cavaleiro cuja montada se empina na extremidade dum rochedo, ao mesmo tempo que um veado salta no espaço, seguido dum dardo que está prestes a alcançá-lo.

A lista de citações alongar-se-ia interminavelmente se quiséssemos referir-nos a todas as grandes figuras históricas que



se dedicaram com paixão aos prazeres da caça. Na Idade Média, em especial, a caça foi o exercício predilecto dos reis e senhores feudais, menos ocupados em governar os seus súbditos que em perseguir veados e javalis.

Nesta guerra sem tréguas que em todos os tempos tem movido aos animais silvestres, o homem soube sempre aproveitar alianças valiosas. A primeira delas foi a do cão que com o seu prodigioso olfacto o conduz até junto da presa e toma corajosamente parte na luta, ainda quando se trata dum adversário perigoso.

Mas além do cão, muitos outros animais colaboram com o homem na perseguição dos animais de caça. Não falemos já do furão, êsse terrível inimigo do coelho, cujo uso as leis venatórias tiveram de regulamentar severamente para evitar a extinção da caça. Em tempos mais recuados o falcão foi também adestrado a perseguir as aves no voo. E até ao reinado de Luiz XVIII de França, esteve muito popularizado na Europa um género de caça mais estranho ainda — a caça com leopardos amestrados que se soltavam quando a presa estava à vista. Este singular processo de caçar parece ter sido trazido do Próximo-Oriente pelos Cruzados.

Com o andar dos tempos, a caça tem diminuído de importância pela extinção gradual de certas espécies. Só nas gran-

des florestas da Asia e da Africa ela tem ainda aspectos épicos. Entre nós circunscreve-se hoje, quasi exclusivamente aos coelhos, lebres e perdizes, e mais raramente às rapozas. As próprias batidas aos lobos vão-se tornando raras por falta de matéria prima. Nas nossas regiões super-civilizadas poucos são já os animais que se lembram de contestar ao homem a sua supremacia e o direito que êle se arroga de ser o único a habitar a Terra.

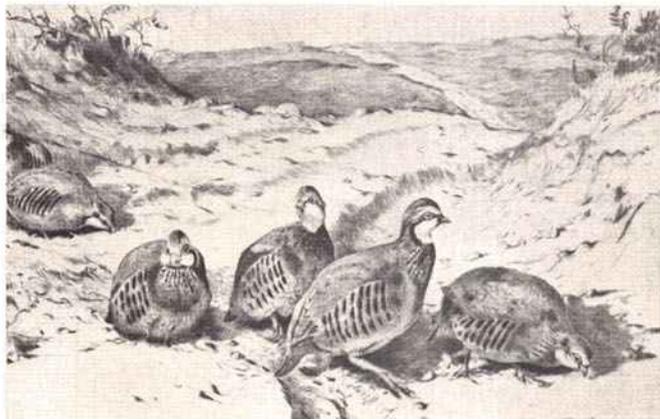
A caça com os seus episódios arriscados e emocionantes, inspirou no decorrer dos séculos um número incontável



de artistas. O homem primitivo quasi não conheceu outro tema para gravar nas paredes de rocha das suas cavernas. Um dos baixos-relevos assírios que se admiram no Museu Britânico representa uma cena da caça ao leão, de empolgante beleza. Quanto aos pintores, muitos foram os que escolheram aspectos da caça para motivo dos seus quadros. Rubens, consagrou-se em especial a êsse género e as suas telas representando o homem em luta com o leão, o lobo e o javali acham-se dispersas pelos melhores museus do Mundo.

Desportos, Snyder, Ruysdael, Paul de Vos, Fr. van Bloemen e muitos outros legaram-nos também admiráveis cenas de caça. Finalmente, a aparição do veado com a cruz a Santo Huberto inspirou a Brueghel o Velho um notável quadro que se encontra no Museu de Berlim.

Os tempos modernos trouxeram, como já dissemos, uma decadência muito sensível da actividade venatória. Só onde ricos aristocratas mantêm vastas coutadas em que os animais de caça são preser-



vados, é que a tradição das grandes batidas ainda ressuscita de tempos a tempos. Fora disso tudo se resume à perseguição dos inofensivos coelhos, à espera das rôlas, ao tiro às perdizes. As matilhas numerosas e ululantes foram substituídas pelo perdigueiro que, de focinho e orelhas pendentes, junto do caçador de espingarda ao ombro, é uma das notas obrigatórias de certas paisagens campestres.

Só lá muito longe, nas florestas da Índia, da Indo-China e do Continente Negro, a caça tem o carácter bravio e aventureiro que deixou de ter na Europa com o desaparecimento dos últimos ursos. Aí o homem defronta-se com inimigos perigosos firmemente decididos a disputar-lhe a supremacia no reino. A caça toma então a forma de duelo que nem sempre acaba com felicidade para o caçador. Já não é a tranqüilla carnificina de coelhos ou perdizes, mas sim a luta implacável em que todos os recursos do engenho humano chegam a ser impo- lentos para deter o ímpeto da fera surpreendida no seu covil.

E é então a batida ao tigre nos junciais espessos do Nepal, divertimento de príncipes e rajás opulentos, em que os caçadores se fazem transportar sobre o dorso de elefantes; ou a caça aos leões no sul da Argélia e nas florestas do Congo.

Infelizmente para o futuro da caça, os meios de destruição de que o homem dispõe vão sendo demasiado poderosos. Os animais selvagens

vão escasseando e certas espécies, como o rinoceronte branco, por exemplo, ou já se extinguiram ou estão em vias de desaparecimento.

Para evitar esta supressão total da vida selvagem os governos criaram zonas em que os animais se propagam livremente, sem serem objecto de qualquer perseguição. Foram os Estados Unidos os primeiros a dar o exemplo com a organização de certos parques em que bufalos e outros animais vagueiam livremente, sem terem a recrear a vizinhança do homem. O império britânico seguiu o exemplo com a demarcação da zona de Kenya como parque de preservação da fauna sul-africana.

Mas se as emoções da caça são, nas nossas regiões, mais modestas, o ardor dos caçadores não é por certo menor. E os que nesta época, de norte a sul do país, cruzam vinhas e charnecas de espingarda ao ombro, seguidos pelo seu cão, continuam a manter vivas, à custa dos coelhos e perdizes mortos, as nobres tradições da arte de caçar.

Manuel L. Rodrigues.



A caça não é um desporto vedado às mulheres. Muitas se têm consagrado com entusiasmo



Pátio de Honra dos Alemães mortos na guerra



Vai ser em breve oficialmente inaugurado o Pátio de Honra dos Mortos Alemães da Grande Guerra, situado junto à Igreja Alemã de Lisboa. A concepção geral e trabalhos escultóricos desta obra são do artista alemão Heim Semke, que Lisboa já conhece por ter tido diversas oportunidades de admirar em exposições os seus trabalhos dum tão grande poder sugestivo.

O Pátio de Honra está à altura do merecimento do artista, que o soube harmonizar, com rara felicidade, com o belo templo a que fica adjunto. Destaca-se ao fundo, entre dois ciprestes, um grupo de três figuras, de linhas poderosas, representando soldados: um erguido, outro ferido e outro morto. E' também digno de menção o baixo-relevo «Ascensão do herói», obra de carater primitivo mas fundamentalmente expressiva.

Sobre uma lápida colocada na parede da igreja estão inscritos os nomes de quatro membros da colónia alemã de Lisboa que caíram mortos no campo de batalha em defesa da sua Pátria. Pena é que fôsse esquecido um quinto — Arthur Adler, que como eles lutou, tendo encontrado a morte perto de Lille em 1918. Adler, que professava a religião de israelita, era condecorado com a Cruz de Ferro. Muitos lisboetas que foram seus amigos antes da guerra recordam-no ainda com saudade.

Manobras navais no Funchal e Açores

UMA divisão da Marinha de guerra portuguesa acaba de realizar em águas da Madeira e Açores importantes manobras navais, cujo êxito é mais um merecido título de orgulho para a nossa armada.

Os exercícios, que tinham por fim o adiestramento dos nossos marinheiros e a verificação do grau de eficiência dos navios, satisfizeram plenamente todas as exigências, por isso que puseram mais uma vez em evidência o valor das tripulações e provaram o valor estratégico das novas unidades.

O ponto culminante das manobras foram os exercícios em que se defrontaram contra-torpedeiros e submersíveis e que deixaram demonstrada a possibilidade da defesa dum porto contra o ataque dissimulado dos submarinos.

Fora deste aspecto de estratégia naval, as ma-



nobras tiveram o caracter mundano que convem às garbosas tradições da Marinha de Guerra. A oficialidade e marinagem foram objectos de calorosas homenagens nos portos onde tocaram. Algumas dessas festas tiveram um belo caracter mundano, como as de que reproduzimos aqui dois aspectos. Na gravura de cima vê-se a assistência ao baile no Pavilhão Marinho do «Savoy Hotel» do Funchal, em honra dos oficiais da Divisão. A gravura inferior representa os jardins do Grande Hotel Belmonte durante o «Garden-party» que aos mesmos oficiais foi oferecido pelo sr. governador civil do Funchal.

Estas e outras festas tiveram grande animação e serviram de pretexto para manifestação dos sentimentos de carinho e admiração que o país consagra à Armada.

(Foto Perestrellos)

As apresentações na Côrte inglesa

A Inglaterra é actualmente o país que mais guarda as antigas tradições conservando-as quasi religiosamente. É essa feição tão característica da nação e do povo inglês, que engrandece este país tornando-o tão diferente de todos os outros e tendo uma vida própria tão interessante.

Esta maneira de ser faz com que se sinta ao entrar em Inglaterra uma impressão profunda, que difficilmente esquece, e, faz com que Londres, a majestosa capital, tenha um encanto muito especial, que prende e que não é talvez para ser compreendido, por todos os espiritos.

Há muito quem tenha ido a Londres e diga que não gostou. Eu confesso que de tôdas as cidades que conheço é Londres a que mais me seduz.

Apreço a sua vida cheia de comodidades, a liberdade simpática, que todos sabem conceder ao próximo, a grandiosidade dos seus edificios a soberba beleza dos seus museus, e esse ar de distinção e aristocracia que se respira por tôda a parte.

O inglês não quer destruir a aristocracia, como é o desejo de quasi todos os povos dos países da Europa. Não quer acabar com os seus costumes requintados, deseja apenas imitá-la.

Para um inglês seja de que classe fôr, a suprema aspiração é ser um "gentleman", para a inglesa vestir e ter as maneiras duma "lady".

Essa aspiração é realizada porque a multidão das ruas de Londres é a mais bem educada e a mais correcta que me tem sido dado ver.

É frequente ver o operário que vai ao teatro vestir a sua casaca com distinção, assim como a criada veste a sua "toilette", de noite com grande elegância.

Mas se o povo pensa e sente assim não é para admirar que na côrte de Jorge V se conservem tôdas as tradições e se mantenha uma superior linha, que torna esta côrte o verdadeiro baluarte da monarchia na Europa.

Uma das mais lindas tradições da côrte inglesa é a apresentação a Suas Majestades das meninas da aristocracia inglesa.

Assim como os rapazes ao nascer têm logo o seu lugar marcado em "Eton College", para onde seus pais participam o seu nascimento, assim a rapariga inglesa, filha de "Lords", pertencente à aristocracia, sabe que quando fizer dezoito anos é apresentada na côrte.

Na primeira "season", depois de atingir essa idade, a sua apresentação realiza-se, com tôda a solenidade, e todos os anos na côrte há uma série de apresentações, que a florescem com um viveiro de rosas a desabrochar.

Poucos reis no mundo se podem gabar de ter os seus salões cheios de raparigas

tão novas, frescas e cheias de beleza e encanto, como são os salões dos reis de Inglaterra.

Desde pequeninas as meninas, são educadas para essa apresentação que é na vida delas o grande acontecimento. Poucas meninas no mundo recebem uma tão perfeita educação para a vida de sociedade como as inglesas, desde as maneiras, as atitudes, a voz, tudo é educado, e é esse cuidado que faz com que a "lady", inglesa seja a mulher mais delicada que existe.

Uma das coisas que desde pequena ela aprende é a fazer a reverência, essa reverência que tem mil "nuances", e que exige uma correcção absoluta de gestos.

A-pesar-de tôda a vida se ter exercitado na maneira graciosa de se curvar em três irrepreensíveis vénias, a rapariga que vai ser apresentada frequenta ainda uma escola, que era em Londres, em que se ensina esta difficil arte de ser elegante respeitosa, sem altivez e sem excessiva humildade. Outra preocupação é a "toilette", especial de côrte, que para a apresentada tem de ser do maior estudo.

Não pode deixar de levar na cabeça as plumas e o véu, o vestido tem de ter uma longa cauda e no entanto tem de ser leve e juvenil distinguindo-se do de sua mãe que a acompanha na apresentação.

Quando os reis inauguram a "season", em Londres, começa a verdadeira época de animação da cidade. Sucedem-se as festas nos salões aristocráticos, e no palácio real, sucedem-se as recepções de apresentação de meninas nobres.

Como batem esses coraçõesinhos à idea de serem apresentadas! Sonham com a sua "toilette", dêsse dia, como sonham com o seu vestido de noivado, e essas duas "toilettes", confundem-se na sua imaginação como um sonho.

Mas as apresentações não são só das debutantes na sociedade, como a da nossa gravura, que acompanhada por sua mãe em "toilette", de côrte, espera o momento da sua entrada nos reais salões.

As senhoras do corpo diplomático e algumas estrangeiras são também admitidas nessas apresentações e as americanas, que frequentam Londres disputam essa honra, lamentando que não seja fácil conseguí-la à fôrça de dolares, que elas dispenderiam de boa vontade.

Mas é preciso ter passado uma "season", em Londres, para saber apreciar o que é a vida social da grande Metrópole,



vida tão sua e tão característica que a torna tão original e encantadora.

As festas sucedem-se umas às outras nos magníficos palácios da aristocracia inglesa.

As famílias das apresentadas dão em seguida à apresentação a Suas Majestades, um grande baile para a apresentação à sociedade em geral. Esses bailes são um verdadeiro pretexto para a reunião das mulheres mais belas e dos homens mais elegantes da sociedade inglesa, a mais requintada de todo o mundo. E' essa também a época em que os teatros brilham em todo o seu esplendor.

A assistência sempre em rigorosa "toilette", de noite compete em luxo e elegância com o deslumbramento dos cenários e da apresentação das companhias.

A saída dos teatros é só por si um verdadeiro espectáculo. As "toilettes", mais deslumbrantes não desdenham de passar nas ruas, acompanhadas dos benevolentes olhares do povo, que goza sem inveja do luxo da gente de sociedade, compreendendo que esse luxo faz parte do prestígio da nação aos olhos do estrangeiro, e que é esse luxo, que torna a sua capital a mais requintadamente elegante cidade do mundo.

O inglês respeita na sua aristocracia as tradições da sua nacionalidade. Em lugar de considerar o "gentleman", com despeito, procura imitá-lo. A aristocracia inglesa não é portanto uma classe cujo domínio pesa sobre as outras, mas sim um ideal de que todo o povo britânico procura aproximar-se.

Maria de Eça



O rei Carol da Romênia

cias da hora actual. Na noite de sexta-feira, 6 de Junho de 1930, o príncipe Carol que

vinha de avião, aterrou em Baneasa e recebeu, perto de Bucareste, o juramento do regimento da Guarda de Cotroceni. No dia seguinte, 7 de Junho, realizaram-se entusiásticas manifestações populares em honra do regresso do príncipe, enquanto os homens políticos procuravam uma fórmula jurídica legal para anular o acto de 4 de Janeiro de 1926, afim de ser restituída a coroa ao primogénito do rei Fernando. No domingo, 8 de Junho, inúmeros cortejos populares invadiram as ruas da capital para ver passar o rei que se dirigia para o Parlamento. Depois do voto do Parlamento ter anulado o acto de 4 de Janeiro de 1926, o príncipe Carol prestou juramento na qualidade de rei constitucional, sob o nome de Carol II, e o Parlamento votou uma lei na qual estipulava usar o rei Miguel, daí para o futuro, o título de Grande Voevod d'Alba Julia. Portanto o acto de 10 de Junho de 1930 restabelecia assim a dinastia romena nos seus direitos normais da sucessão ao trono e eliminava qualquer ameaça de agitação que pudesse prejudicar o país.

O dia 8 de Junho é uma das grandes festas nacionais da Romênia. É o aniversário da Restauração, dia em que o Rei Carol II da Romênia entrou em Bucareste chamado pelo entusiasmo unânime do seu povo.

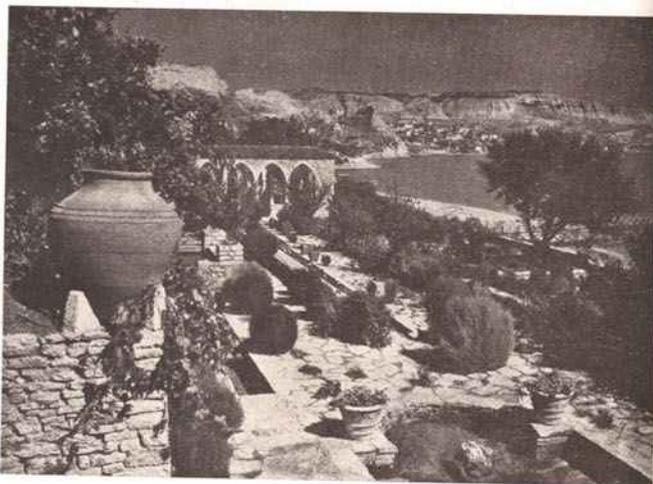
A Restauração de 8 de Junho de 1930 constitui um momento histórico na existência da dinastia romena, momento que está indissolúvelmente ligado à estrutura social da România e ao desenvolvimento de toda a sua política interna e externa.

Seria interessante mostrar ao público português os factos tais como se encadearam devido à lógica histórica.

Em 1925, em consequência dum conjunto de circunstâncias provenientes da política interna romena, o príncipe herdeiro renunciou à sucessão do trono. Estabeleceu-se uma regência. Era uma instituição a que faltava prestígio. O país inteiro sofreu com isso e, o que era ainda mais grave, o princípio da autoridade tinha sido atingido. Os partidos políticos mostravam-se impotentes para dominar a situação e de todos os lados do país vinham novas inquietantes que perturbavam os verdadeiros patriotas romenos. Uma rajada funesta atravessava o país. A reacção não podia tardar.

O príncipe Carol era o primeiro membro da dinastia que nascera e crescera no solo romeno e que fora baptizado segundo a lei ortodoxa, confissão da grande maioria do povo. Era assim que se explicavam facilmente as simpatias e a popularidade de que o príncipe gosava em todas as classes sociais e nas unidades do exército, assim como a afeição unânime que o povo romeno nunca deixou de lhe testemunhar durante todo o tempo da sua ausência. Era ele quem devia salvar a Romênia. Para quem conhece verdadeiramente a história política deste país, a Restauração impunha-se como uma consequência lógica, reflectindo as grandes linhas da orientação política interna e externa da Romênia, nas graves circunstâncias

Um trecho do parque do castelo de Halescu



RESTAURAÇÃO

O ressurgimento da Romênia sob o reinado de Carol II

der às exigências do momento, que se estabeleceu a legislação destinada a organizar os quadros da vida social comum, que se tomaram as medidas de segurança que permitiriam à economia nacional, gravemente atingida pela crise, triunfar das dificuldades.

O reinado do rei Carol II é a consolidação do Estado romeno. Tal é o sentido histórico da Restauração para o Estado; para a Nação e para a História da România.

Isto quanto à obra. Agora é interessante conhecer o Homem.

Aqueles que conheceram o rei Carol II apreciaram sempre nele a sua grande inteligência, o seu grande poder de trabalho e o seu grande coração.

O rei Carol II é um dos homens políticos mais bem informados da Europa. Conservando-se em contacto com todos os mistérios da diplomacia, não perde de vista o movimento social, artístico e intelectual que domina o Mundo. Ele gosta, segundo afirma muitas vezes, do ofício de Rei. Para o desempenhar, como rei que é, trabalha 15 horas por dia. É preciso ler o "Monitorul Oficial" (jornal oficial) onde vêm publicadas as suas audiências diárias, concedidas aos homens de letras e de ciência, assim como aos seus colaboradores com os quais governa o país, para se fazer uma ideia de que só essas audiências lhe tomam 5 a 8 horas por dia.

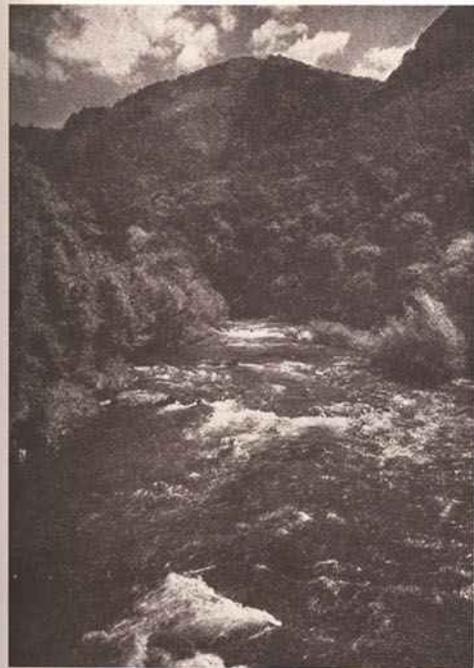
A ideia dominante que anima a sua concepção política é o Rei árbitro em todas as manifestações do Estado.

SALVADORA

Sob o reinado de Carol II

Com respeito ao seu grande coração, todos conhecem o grande afecto que dedicava ao seu filho Voevod Miguel, à educação do qual consagra uma grande parte da sua actividade cotidiana.

No Palácio Real de Bucareste funciona uma escola constituída por uma dezena de rapazes, recrutados em todos os pontos do país e em todas as classes sociais,



A' esquerda: Uma passagem do vale do Gerna. Em baixo: O castelo real em Sibiu

país, o rei Carol II interessa-se vivamente pela educação da ju-

O castelo real de Ibran

ventude romaiça. No organismo recentemente criado os "strajerii" (guardas da fronteira) ele reuniu todas as associações da mocidade que actualmente

existem (escoteiros, escoteiras, etc.) dotando o país com um vasto organismo onde a Romênia poderá ir recrutar as suas forças futuras.

E no dia 8 de Junho foi em especial esta mocidade fremente que festejou com um entusiasmo indescrivível o seu Rei bem-amado.

Mais de 200 mil "strajerii, de 15 a 18 anos, vieram a Bucareste aclear, por desfiles, cortejos e festas nocturnas, o aniversário da Restauração.

No vasto planalto de Cotroceni, em Bucareste, durante esta festa da mocidade romaiça, houve momentos dum patético sublime.

O rei Carol podia estar contente: ele via em bom caminho uma grande ideia que lhe pertence integralmente.

Guiando o seu país, o rei Carol II

da Romênia ficará como uma das grandes figuras da História Contemporânea.

E o povo romeno, que não ignora quanto deve ao seu soberano, estima-o como raramente um rei é estimado pelos seus súbditos e dá-lhe a mais franca e leal colaboração para que possa levar a cabo a grande obra de ressurgimento em que se empenhou. Assim, o povo e o rei trabalham ligados numa mesma aspiração, num mesmo ideal — a grandeza da Romênia. E por esse motivo o país progride e animado por uma vontade consciente marcha por um futuro promissor.

A ressurreição da Romênia é um facto incontestável que nos apraz registar.



escolhidos entre os melhores e os mais inteligentes alunos. Esta elite de adolescentes, escolhida unicamente pelo seu mérito, forma os colegas do príncipe, que, segundo parece, rivaliza em tudo com eles.

Mas, uma das mais intensas actividades do Rei Carol é empregada na cultura do seu país e na educação da mocidade.

Pertencem-lhe todas as grandes iniciativas culturais da Romênia. Foi ele o iniciador das "fundações reais". Esta instituição forma o cadinho intelectual do reino, donde saíram uma grande parte das futuras obras com que o génio romaiço nos pôs já em contacto ultimamente.

Além das letras e das ciências do seu



Matos Sequeira

QUANDO surgiu a ideia de organizar as Festas da Cidade, Matos Sequeira, dando largas à sua inspiração de poeta, à sua profunda erudição, e ao enранhado amor que sempre acalentou pela terra que lhe foi berço, idealizou a construção dum bairro da Lisboa de há duzentos anos.

O que para qualquer constituiria um empreendimento difícil, para Matos Sequeira representava uma futilidade e, tanto assim, que começou a estudar o seu plano com caixas de fósforos para fazer o jogo dos volumes. Passava-se isto em Dezembro.

Mas onde levantar esse bairro da Lisboa Antiga?

No Parque Eduardo VII? No Pátio de S. Vicente? No Jardim Zoológico? Qualquer destes locais não convinha por variados motivos? As dificuldades avo-

lumavam-se cada vez mais, e o tempo ia passando.

Nisto, falcou a ideia do local em frente das Côrtes, onde, em tempos se levantou o convento das Francesinhas. A própria natureza do terreno prestava-se lindamente para a construção.

Matos Sequeira, travando do braço de Pastor de Macedo, voltou ao local que escolhera, e ambos assentaram numa base definitiva. A Lisboa Antiga ficaria ali, desse lá por onde desse.

Entretanto, os dias iam passando...

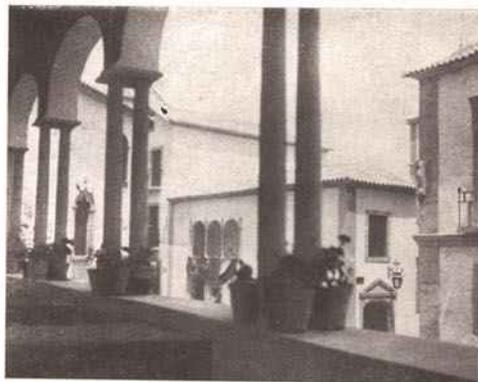
No primeiro domingo de Fevereiro foram à feira do Campo Grande contratar trabalhadores para a edificação. Houve quem duvidasse do êxito da iniciativa por falta de tempo. Podia lá ser!

Matos Sequeira sorria como se tivesse uma dessas varinhas de condão de que tanto se fala nos contos de fadas e que, no momento oportuno, batendo com ela no chão maninho, fizesse brotar palácios encantados, num verdadeiro deslumbramento.

Mas quem é que acreditaria hoje em contos de fadas, em génios poderosos e em varinhas de condão?

No dia 14 de Fevereiro começaram a mexer as terras, e 21 dias depois, isto é, em 7 de Março, foi colocado o primeiro prumo.

Matos Sequeira levantou a planta e fez os alinhamentos com a ajuda de Rocha Vieira que traçou os desenhos; do modelador João Rocha que foi incansável na sua especialidade, e



Alameda do Correio



A ronda junto ao Arco dos Apóstolos

do construtor civil Alvaro Rodrigues de Oliveira que realizou verdadeiros prodígios. Dia e noite, domingos e feriados se trabalhou infatigavelmente. O próprio Entrudo passou sem que todos os que se dedicavam à construção do Bairro da Lisboa

bém a casa dos Vasconcelos edificada na época de D. Manuel I.

E por ali fóra, descendo a escadaria do Arco dos Apóstolos, fomos dar ao Pátio da Saúde, subimos ao Terreiro das Oliveiras, à Travessa do Coelho, à calçada-nha do Padrão, passamos pela Cadeia do Tronco, pelas cocheiras de Matos França, e, em boa verdade, ficamos encantados pela perfeição do seu acabamento. Ali dentro, na Lisboa Antiga, tudo nos recorda o passado tão flagrantemente que nos dá a impressão de vivermos essa época já tão distante e que todos devemos recordar e conhecer.

MILAGRES MODERNOS

“LISBOA ANTIGA”

que Matos Sequeira fez brotar da terra com a sua varinha de condão

Antiga dessem por êle. Em 4 de Junho, isto é, após 110 dias de extenuante trabalho, surgiu o Bairro Novo da Lisboa Velha.

A varinha de condão de Matos Sequeira tinha então um certo poder mágico, pelo que se viu!

Quando lá entramos, ficamos maravilhados em face dessa Lisboa que nos aparecia “com seo trato de gentes & misteres, ruas, travessas, praças, arcos & logeas principais, Igrejas, Conventos & Casas nobres, & o mais q ha nella digno de admiraçam.”, no dizer singelo e enternecido do seu cronista Cardoso Marta.

Fômos dar à Praça Nova com o seu chafariz de Neptuno e admiramos o bêco dos Capuchos, onde se levanta uma casa do tempo de D. Afonso V, e vimos tam-

É pena que um tão grande esforço tenha de desaparecer brevemente após uma tão feliz realização. Tôda aquela armação, todos aqueles madeiramentos forrados de estafe terão de ser apeados voltando o terreno à sua anterior aridez. Se tudo aquilo fôsse construído a valer, em boa pedra e cal, não ficaria constituindo um monumento digno da visita dos forasteiros e da admiração de todos, tanto estrangeiros como portugueses?

Houve alguns que, tendo uma loja nesse bairro encantador, nos disse que, se lhe dessem o terreno, construiria à sua custa a parte que lhe dizia respeito, calculando que muitos outros fizessem o mesmo. A Câmara Municipal perderia o chão, mas tiraria proventos compensadores, como se calcula. Não chega a ser um alvitre isto que expômos; limitámo-nos a registar a ideia do referido logista como uma curiosidade.

Francamente, custa-nos vêr desaparecer o Bairro da Lisboa Antiga a que já nos habituamos, que Matos Sequeira construiu com tanto carinho e que daqui a meses, pela força das circunstâncias, há de desfazer-se como a tal armação que êle fizera, previamente, com caixas de fósforos!

Ao contemplarmos essa “Lisboa An-

tiga» temos a impressão de estar em frente dum retrato da nossa avôsinha, muito fóra de moda, é certo, com os trajos arrebicados de folhos e rendas, tão compridos que mal deixavam vêr o pêsinho apertado num sapatinho minúsculo.



Terreiro das Oliveiras



Travessa dos Arcos

Longe de parecer ridículo, esse traje infunde-nos respeito, e enche-nos de saudade...

Bons tempos êsses! Quem os pudesse ter vivido, mal pensando na maldade humana que tanto e tanto se havia de avolumar.

Quem, habituado às chamadas comodidades modernas, se lembrasse de

A «Lisboa Antiga» vista de avião pelo aviador Pinheiro Correira



desdenhar da ingenuidade dos nossos avós, jurando e trejurando não poder, em caso algum, adaptar-se a tais costumes, teria uma grande desilusão se pudesse ouvir o que os seus bisnetos dirão, um dia, ao evocar os tempos actuais.

A “Lisboa Antiga», que Matos Sequeira fez brotar do chão, num prodígio de inteligência, actividade e zelo alfacinha, é o mais belo retrato desse tempo distante e tão cheio de recordações.

É pena vê-lo desaparecer.

Calculem Miguel Angelo modelando em neve o seu famoso Moisés... Não seria necessário bater-lhe na testa, e gritar-lhe o conhecido “Adesso parla!», por que o sol se encarregaria de o emudecer, derretendo-o inexoravelmente. E assim ter-se-ia perdido uma maravilha escultórica.

A Lisboa Antiga não mereceria, sabêmo-lo-bem, um lugar de museu internacional. No entanto, construída a valer, honraria esta grande capital, cujo passado glorioso evocou com tanta fidelidade.



Filipe, o Prudente, que pretendiam casar com a Infanta Tizona Maria, e que, quando já rei de Portugal, ordenou a trasladação da mesma princesa para a Igreja de Nossa Senhora da Luz (Quadro existente no Museu de Viena).

Às sete da tarde de oito de Junho de mil quinhentos e vinte e um, no Real Paço da Ribera das Naus, nasceu o segundo fruto da união de Dona Leonor, Princesa de Castela, com Dom Manuel, Rei de Portugal, o qual, nove dias depois, apadrinhado pelo Duque de Saboia e pela Infanta Isabel, e levado nos braços do Mestre das Ordens de Santo Iago e Aviz, filho bastardo de Dom João II, foi baptizado por Dom Martinho da Costa, Arcebispo de Lisboa, recebendo, por expressa vontade de seus pais, o nome de Maria, em razão de ter vindo à luz do mundo, num sábado, dia dedicado à Virgem Mãe de Deus.

Falecido Dom Manuel, e retirada Dona Leonor para o reino de seu irmão Carlos V, Rei de Espanha e Imperador da Alemanha, para ir casar, em segundas núpcias, com Francisco I, de França, foi a Infanta Dona Maria viver nos paços de seu irmão Dom João III, e aí educada pela Rainha Dona Catarina, até que, atingindo dezassete anos, já plena de sabedoria, com o fabuloso legado paterno, passou a residir em palácio próprio que, em breve tempo, se transformou naquela preclara arcádia onde, além da sua alta erudição, brilhavam, como figuras de primeira grandeza, as duas filhas do sapientíssimo toledano Dom Diego Sigeo: Angela, instruída nas línguas e perita na música, e Luísa, sábia nas ciências e profunda no latim, no grego, no hebraico, no sírio, no árabe, no caldeu, e em muitos outros difíceis idiomas da antiguidade.

Duarte Nunes de Leão, falando das mulheres insignes de Portugal que se avantajavam em letras, diz o seguinte: — "Poderíamos nomear por primeiras, a Sereníssima Infanta Dona Maria, a qual, fora das heróicas virtudes, que nela resplandeciam, e grande exemplo de honestidade em que perseverou em estado virginal, até à morte, há sido mui estudiosa de letras, e em língua latina, grega, e outras, fez muito grandes progressos, gastando bastante tempo em lições de vários livros. Tinha em sua casa donzelas doutas em todas as artes, com as quais comunicava seus estudos; seu paço era domicílio de Musas, uma escola de virtudes e de honestos exercicios. Ali se achava quem revolvia livros,



Em cima: Angela e Luísa Sigeo, companheiras da infância. À direita: Cópia dum retrato de D. Maria pintado por Antonio Moro em 1552.

quem depois tocava variedade de instrumentos musicos, quem pintava quadros, quem exercitava com grande perfeição todas as artes que podem caber a uma mulher.

O cronista Damião de Goes, tratando da grandeza da mesma casa, igualmente escreve: — "Depois que Sua Alteza Dona Maria se viu em Badajoz, com sua Mãe Dona Leonor, morta esta, foi a dita Senhora sua universal herdeira; e assim, baixelas de ouro e prata, jóias e pedras preciosas, tapeçarias de ouro e seda, e outras singularidades de estimação que, com o Senescalado de Ageroris, em Gas cunha, e o de Ruarg, e os senhorios do rio Rive-

A infanta Dona Maria

Vida e morte duma das mais raras e cultas princesas do século XVI

ras, Verdun, e Alorgoes, em Languedoc, de que é senhora soberana de juro, e cem mil escudos que lhe devem os reis de França, e juros que tem em Castela, que tudo isto herdou da sua Mãe a Rainha, e com a Cidade de Viseu e Vila de Tôrres Vedras, que são do seu património, de juro e assentamento que tem este Reino, traz tão honrada casa, de criados, damas e outras familiares, que para dizer-se que é igual a todas as das Rainhas da Europa, somente lhe falta o nome duma delas.



Esta opulenta e esclarecida filha de Lisboa, amparo dos pobres e refúgio dos desventurados, que, em vão, pretendiam casar com o Delfim da França, com Maximiliano da Hungria, e com Filipe da Espanha, e que, como se viu naquela esmercedora entrevista de Badajoz, sacrificou os carinhos da Mãe ao amor da Pátria, após haver vivido cinquenta e seis anos, quatro meses e dois dias, faleceu confortada de todos os Sacramentos da Igreja, e assistida do Cardinal Dom Henrique, seu irmão, de Frei Francisco Fereiro, seu confessor, de Dom Jorge de Almeida, Arcebispo de Lisboa, e de diversos Prelados de outras Ordens, ao alvorecer de dez de Outubro de mil e quinhentos e setenta e sete, sendo o seu corpo depositeo provisoriamente no Capítulo do Mosteiro da Madre de Deus, das Monjas Franciscanas Descalças, da Primeira Regra de Santa Clara, enquanto não se concluiu o templo do seu fundado Convento dos Religiosos de Nossa Senhora da Luz, da Milícia de Jesus Cristo.

Vinte anos depois do seu óbito e de se ter perdido El-Rei Dom Sebastião na lamentável batalha de Alcácer-Quivir, enviaram os Governadores do Reino de Portugal, Arcebispo Dom Miguel de Castro, Condes de Portalegre, de Santa Cruz e de Sabugal, e Miguel de Moura, Escrivão da Puriidade, a seguinte carta a Filipe, o Prudente:

— "Con el ordinario passado, escribimos a V. Magestad como determinamos (queriendo Dios) el Lunes siguiente, que ay sido el de esta semana, se executar la traslacion de los guesos, de la señora Infanta. Todo se hizo como parece convenia, y aun que el calor del dia se podia temer, en concurso de tanta gente, y tambien el estrecho lugar de la Iglesia por no haver en ella mas, que el cruzero, y la Capilla mayor, se passo mejor el camino, aquellos dos dias, de lo que lo prometiam los calores, que tenian precedido. En este despacho vá un papel en que brevemente se dize la orden, que en esto se tuvo; y tambien vá una Carta de la Abadessa de la Madre de Dios para el Arçobispo, del modo como que se abrio la Sepultura, y se sacaron della los guesos. Nuestro Señor la Catholica persona guarda. Lisboa a cinco de Julio de mil seiscientos y noventa y siete."

Só desde então, como determinára no testamento lavrado no seu Palácio de Santos-o-Novo, ficou definitivamente sepultada para a Posteridade, esta excelsa Princesa de Portugal, que passou por ser uma das mulhe-

res mais cultas, mais belas e mais ricas da Europa, esse eterno claro dia dum secreto enamorado, em memória de quem, na sua morte, Luiz de Camões, Príncipe dos Poetas Lusitanos, como fingido encarnar Atropos, num impulso apaixonado do seu coração lutuoso, compoz este sublime soneto:

Que levás cruel morte? — Um claro dia.
A que horas o tomaste? — Amanhecendo.
Entendes o que levás? — Não o entendo.
Pois quem lo fez levar? — Quem o entendia!

Seu corpo quem o goza? — A terra fria.
Como ficou sua luz? — Anoihecendo.
Lusitânia que diz? — Fica dizendo:
Enfim não mereci Dona Maria!

Malaste quem a viu? — Já morto estava.
Que diz o seu amor? — Falar não ousa.
E quem o faz calar? — Minha vontade!

Na morte que ficou? — Saúde brava.
Que fica lá que ver? — Nenhuma cousa.
Mas fica que chorar sua beldeade!

Achando-se empenhada a sagrada Religião da Milícia Equestre de Nosso Senhor Jesus Cristo, a fazer publica a memoria das insignes virtudes da Sereníssima Infanta Dona Maria, ramo aureo da arvore dos reis de Portugal, lavrou, a vinte de Maio de mil seiscientos e setenta e quatro, o seguinte documento:

— "Fr. Lourenço Saro, D. Prior do Convento de Thomar, & Geral da Ordem de Cristo, com poder sobre todos os Freyres, & Cavaleiros vibque de gentes, do Conselho de S. A. & c. damos commissão, & ordenamos ao nosso Procurador geral Fr. Gerardo Brandão, que precedendo as licenças necessarias faça

ED DOS REI D' MANOEL
FUNDADORA
DESTE RIAL
MOST.



acabar de imprimir o livro intitulado (Vida da Sereníssima Infanta Dona Maria) que compoz, & tinha já dado à imprensa o P. M. Fr. Miguel Pacheco, Religioso, da nossa Ordem, assistindo na Corte de Madrid, como Procurador do Hospital de S. Antonio, aonde faleceu, por quanto sendo visto o dito livro pellos Religiosos graduados, & Mestres da nossa Ordem, nos pedirão encarecidamente o mandassemos acabar de imprimir, por ser obra muito digna de se dar à estampa."

Seis meses depois saía dos prelos de Ivan da Costa, o dito livro em que Miguel Monescal, livreiro de Lisboa, escreveru este prólogo: — "O aplauso com que sempre ouvi falar nas letras, elegancia, estilo & subtileza de Fr. Miguel Pacheco, insigne & preclarissimo cavaleiro da Ordem de Jesus Cristo, criou em mim tal afeição, que sabendo se queria transportar a esta Corte para se acabar de dar à imprensa este trabalho que ele havia começado a imprimir no tempo em que a Parca lhe cortou o fio vida, levannos deshumana as virtudes, & as prendas, que a nossa saudade lamenta, & sem alivio chora, por se dar em hum Autor grande em tudo — em poucos periodos muitos documentos, em estilos claros, conceitos profundos, em vozes proprias, elegancias vivas, em narraçens certas, verdades puras: por isso me ofereci para fazer acabar esta obra na mesma lingua castelhana, que se começou a imprimir, para lustre & dignidade das boas Letras Universais."

Foi desta obra rara, depois oferecida à Princesa Dona Isabel Maria Josefa, então herdeira do trono, e da qual possuimos um autentico incunabulo, que, do capitulo referente aos elogios funebres, se extrairam as genialissimas rimas com que se remata a anteposta narrativa.

E. Raposo Botelho.



D. Leonor da Austria, mãe da infanta

Festa setecentista

Organizada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, de que faziam parte as seguintes: D. Adelaide Luízel Lopes, D. Adeline Santos, D. Ana Teles da Silva (Tarouca) D. Beatriz Benjamin Pinto de Vasconcelos Gonçaves, D. Beatriz de Moraes Sarmento, D. Branca de Gonta Colaço, D. Carmen Correia da Cunha, D. Catarina de Vilhena de Sousa Rego, Condessa de Mangualde, Condessa de Sabugosa e de Murça, condessa da Torre, D. Helena Mauperrin Ferrão de Castelo Branco, D. Joana Teles da Silva (Tarouca), D. Laura Palha Infante de La Cerda, D. Leonor de Carvalho Daun e Lorena (Pombal), D. Margarida Pignatelli Teles de Vasconcelos de Aguiar, D. Maria Carolina Portocarrero da Câmara Mesquita, D. Maria da Costa Sousa de Macedo (Estarreja), D. Maria Domingas de Sousa Coutinho Rebelo da Silva, D. Maria Emília de Castelbranco, D. Maria Inácia Vilardebó Chaves, D. Maria José Ayala Monteiro, D. Maria Luíza Monteiro de Mendonça, D. Maria da Natividade da Silva Belo, D. Maria de Figueiredo Tavares Festas, D. Maria Tereza de Mascarenhas Valdez Pinto da Cunha, Marquesa do Cadaval, D. Sofia Ferrari de Vasconcelos Abreu e Viscondessa de Santo Tirso, realizou-se na tarde de domingo, 7 do corrente, uma interessante festa infantil, que decorreu sempre no meio da maior animação e alegria, oferecendo o elegante recinto da Lisboa Antiga, a encantadora reconstituição que Matos Sequeira, levou a efeito no antigo recinto do Convento das Francesinhas, vendo-se ali reunidas nessa tarde grande número de famílias da nossa primeira sociedade.

Na noite de quinta-feira, 11 do passado mês de julho, realizou-se a segunda parte do programa da brilhante festa setecentista, que consistiu de «Caso da Rua, e julgamento», em que tomaram parte D. Leonor Viana da Mota, Dr. Francisco Loureiro Diniz, Carlos Gonçalves, José Pinto Leite (Oliveas), e Jorge Paiva. Os dois primeiros deliciaram a selecta assistência com as suas belas vozes, cantando algumas trovas e os três últimos bateram-se rijamente à espada. Foi sem dúvida alguma um dos números do programa que melhor impressão deixou na assistência.

Terminado o julgamento dos duelistas, realizou-se, no «Páteo da Saúde», o anunciado serenim, cujo programa foi organizado pela sr.^a D. Maria Domingas de Sousa Coutinho Rebelo da Silva, e foi iniciado por três números de canto, por D. Leonor Viana da Mota, senhora de Lupi, e Dr. Francisco Loureiro Diniz, num ambiente de arte e elegância, números que foram brilhantemente cantados, recebendo ao terminar os seus intérpretes fartos aplausos.

Depois de um curto intervalo, representou-se a peça «Il étai une Bergère», de André Rivoire, interpretada muito bem pelas sr.^{as} D. Maria do Carmo Pais de Sande e Castro — «Bergère», D. Carolina Pais de Sande e Castro — «Princesse», e Pedro de Brito e Cunha — «Berger».

Acabada a peça francesa, houve novo intervalo, seguindo-se depois a representação da mimosa peça original do brilhante dramaturgo sr. dr. Júlio Dantas, «Dom Beltrão de Figueirões», peça cheia de espirito, que teve o condão de prender a atenção do público selecto que enchia o vasto «Páteo da Saúde», da Lisboa Antiga, à qual o notável grupo de amadores pertencentes à nossa melhor sociedade deu extraordinário realce, para o que muito concorreu a ilustre artista D. Lucília Simões, que dirigiu os ensaios, estando a peça assim distribuída: «Cólímena», D. Maria da Luz Vilardebó Chaves, graciosíssima, e elegantemente vestida; «Dorotéa», D. Maria Emília da Câmara (Ribeira Grande), simplesmente impecável; «Dom Beltrão», José Belo, que não foi tão feliz como era de esperar, pois pode ser considerado um verdadeiro actor; «Marquez», D. António de Portugal e Castro, a quem cabem as honras nessa peça, teve ocasião de mais uma vez evidenciar as belas qualidades de amator distintíssimo, que soube tirar partido do seu personagem; «Frei André», Ruy Correia Leite, muito bem e finalmente «Criado», D. Manuel Lobo da Silveira (Alvito), concorreram para o harmónico conjunto.

Terminou o espectáculo por um lindo «Minuet» dançado, com arte e elegância, por oito pares formados por senhoras e rapazes solteiros pertencentes à nossa melhor sociedade, ensaiados proficientemente pela distinta bailarina Ruth

VIDA ELEGANTE

Aswim, que no final compartilhou dos frenéticos aplausos da assistência.

Antes de se dirigirem para a «ceia» da «Estalagem do Vicente», em cena aberta foram classificadas por um júri formado pelos srs. Gustavo de Matos Sequeira e Dr. Tomaz Ribeiro Colaço, como tipo feminino setecentista as sr.^{as} D. Maria Tereza Ferrão de Castelo Branco e D. Maria Francisca de Meireles e Vasconcelos.

Findo o espectáculo effectuou-se na «Estalagem do Vicente» a «ceia», à qual não podemos assistir por falta de lugar.

Antes de terminar estas linhas, queremos frisar bem que se deservemos o «Caso da Rua», foi exclusivamente devido à gentileza dos srs. D. Lourenço de Noronha e Távora e João Perfeito de Magalhães Vilas Bôas, que nos ofereceram um lugar numa das janelas do «Botequim da Quinta Bela», mesmo em frente do local onde se desenrolou a acção do «Caso da Rua».

Ainda um reparo, à Comissão organizadora: é que havendo tantas peças portuguesas, de Gil Vicente para cá, se tivesse escolhido para essa festa uma peça francesa, embora muito bem representada.

A Comissão organizadora deve ter ficado plenamente satisfeita com os resultados obtidos, tanto financeiro, como mundano, pois ali concorreu tudo que de melhor conta a nossa primeira sociedade, dando ao encantador recinto de Lisboa Antiga, um aspecto maravilhoso.

Casamentos

Realizou-se na paróquia de Santa Izabel, o casamento da sr.^a D. Maria Olga Cranford Ferraz, filha da sr.^a D. Maria Estefania Crawford Ferraz e do sr. Dr. António Crawford Ferraz, já falecidos, com o distincto clínico sr. Dr. João Manuel de Azevedo Coutinho, filho da sr.^a D. Aurora de Azevedo Coutinho, já falecida e capitão de mar e guerra sr. Victor Hugo de Azevedo Coutinho.

Foram madrinhas as sr.^{as} D. Carolina Saavedra Rodrigues Gaspar e D. Celeste de Azevedo Coutinho, tia do noivo e padrinhos os srs. capitão de mar e guerra Alfredo Rodrigues Gaspar, e o tenente coronel Mário de Azevedo Coutinho, tio do noivo.

Finda a cerimónia religiosa, foi servido na elegante residência dos padrinhos da noiva um finíssimo lanche, partindo os noivos depois para o Estoril, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

— Em Lourenço Marques, realizou-se na igreja de Nossa Senhora da Conceição, o casamento da sr.^a D. Maria Henriqueta da Camara Leme Teixeira Diniz, com o distincto engenheiro sr. Carlos Augusto Rebelo da Silva, superintendente da Estação Rádio Marconi, tendo servido de padrinhos por parte da noiva seu pai o sr. Alvaro Ernesto Teixeira Diniz e sua esposa, a sr.^a D. Josephine Louise Teixeira Diniz, e por parte do noivo seus pais, a sr.^a D. Alice Ferreira Braga Rebelo da Silva e o sr. Leopoldo Ernesto Rebelo da Silva que se fizeram representar respectivamente pela sr.^a D. Maria da Natividade Chaves Maia e pelo sr. dr. Francisco Correia de Campos.

Terminada a cerimónia os noivos a quem foram oferecidas grande número de valiosas prendas, seguiram para Johannesburg, onde foram passar a lua de mel.

— Realizou-se em capela armada na elegante residência da sr.^a D. Justina Rosa Caracol e do sr. José Caracol, o casamento da sua gentil filha D. Maria Rosa, com o sr. Francisco Pereira de Sousa, filha da sr.^a D. Dolores Pelica e do sr. Francisco Pereira de Sousa, já falecido.

Foram madrinhas as sr.^{as} D. Conceição Martinez Peres e D. Adelaide de Oliveira Gonçalves e padrinhos os srs. drs. Manuel Peres e Luiz Leite Pinto.

Terminada a cerimónia foi servido no salão

de meza um finíssimo lanche, recebendo os noivos grande número de artisticas prendas.

— Em capela armada na elegante residência da sr.^a D. Albertina da Silva Gonçalves e do sr. Manuel de Oliveira Gonçalves, realizou-se o casamento de sua interessante filha D. Maria, com o sr. Manuel Imaginário Neto Ferreira, filho da sr. D. Maria José Imaginário Neto Ferreira e do sr. Manuel Neto Ferreira, já falecido.

Foram madrinhas as sr.^{as} D. Laurinda Camelier da Silva e D. Aurélia Imaginário e padrinhos os srs. dr. J. Imaginário e dr. Henrique Pereira.

Ao acto religioso presidiu o reverendo prior da paróquia dos Santos Reis, ao Campo Grande, que no fim da missa fez uma brilhante alocação.

Terminada a cerimónia foi servido no elegante salão de mesa, um finíssimo lanche, seguindo os noivos para Chamusca, onde foram fixar residência.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

— Realizou-se o casamento da sr. D. Celeste Izaura Lopes Torres, gentil filha da sr.^a D. Belmira Lopes Torres e do Capitão Cucufate Torres, com o sr. Narciso Amorim Peres, filho da sr.^a D. Isidora Amorim Peres e do sr. Artur Ferreira Peres, servindo de padrinhos por parte da noiva seus pais e por parte do noivo a sr.^a D. Francisca Dominguez Fila Lemos e o sr. Alfredo Lemos.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais do noivo, um finíssimo lanche, partindo os noivos depois para o Luso, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

— Presidiu pelo reverendo Abilio de Carvalho, realizou-se na paróquia de Santa Izabel, o casamento da sr.^a D. Alice Marques Soares, gentil filha da sr.^a D. Maria José Marques Soares, e do sr. Tomaz Soares, já falecido, com seu primo, o sr. Manuel Augusto Soares, filho da sr.^a D. Maria do Carmo Marques Soares e do sr. José Augusto Soares, já falecido.

Serviram de madrinhas as sr.^{as} D. Palmira Marques Soares Tavares, tia da noiva e D. Rosalina Marques Vieira Pinto, tia do noivo e de padrinhos srs. António Joaquim Marques, tio da noiva e Alfredo Vieira Pinto, membro do conselho de administração da Renascença Gráfica, e tio do noivo.

Finda a cerimónia religiosa, foi servido na residência da mãe da noiva, um finíssimo lanche, partindo os noivos depois para o norte, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

Nascimentos

Teve em Coimbra, na clínica do Dr. Daniel de Matos, o seu bom sucesso, a sr.^a D. Maria Luísa do Casal Ribeiro de Carvalho Tavares, esposa do sr. Dr. Fernando Cruz Tavares.

Mãe e filho, estão de perfeita saúde.

— A sr.^a D. Edemen José Coelho da Graça Reis, esposa, do sr. Luiz da Graça Reis, teve o seu bom sucesso. Mãe e filha encontram-se felizes bem.

— Teve o seu bom sucesso a sr.^a D. Julieta Caldeira Marques da Costa, esposa do nosso colega na imprensa sr. José Marques da Costa Junior.

Baptizados

Na Sé Nova em Coimbra, realizou-se o baptizado do menino João, gentil filho da sr. D. Maria Luíza do Casal Ribeiro de Carvalho Tavares e do sr. dr. Fernando Cruz Tavares, tendo servido de madrinha a avó materna sr.^a D. Maria Inácia Cabral Moncada de Carvalho e de padrinho o avó paterno sr. José de Carvalho Nunes Tavares.

— Em Santarem, realizou-se na paróquia de Marvila, o baptizado da menina Josefina, interessante filhinha da sr. D. Alice Dias Coelho Beirão, e do sr. Alexandre Manuel Farinha Beirão, servindo de madrinha a sr.^a D. Maria de Aragão (Tondela) e de padrinho o avó materno sr. Alfredo Dias Coelho, sendo o acto presidido pelo reverendo conego Garcez.

D. Nuno.

HUMORISMO



A águia (para não ficar diminuída aos olhos do marido): — Pois sim, mas aposto em como não sabe pôr um ovo...

A assembleia da Companhia estava decorrendo no meio de grande tumulto. O presidente da direcção fez um discurso nebuloso, em que evitou cuidadosamente tudo quanto pudesse comprometer a sua gerência. E no final dirigindo-se aos accionistas, perguntou: — Têm algumas objecções a fazer?

Houve um grande murmúrio. Alguém se levantou num dos extremos da sala e inquiriu em voz trovejante:

— O que nós queremos saber é o que o sr. fez ao dinheiro...

Neste momento uma cadeira caiu duma das galerias sobre o interpelante e fê-lo perder todo o interesse pela questão. Quando o conduziam em braços para fora da sala, o director perguntou com voz calma:

— Não há mais nenhuma objecção?

Um grupo de alunos duma escola primária fôra de visita ao Museu das Janelas Verdes. Em frente do admirável triptico da "Tentação de Santo Antão", um dos rapazes ficou-se a contemplar demoradamente a obra. Um amator de belas artes notou o interesse que o quadro despertára no rapaz, apróximou-se dêle e disse-lhe com benevolência:

— Então, meu rapaz, vejo que tens sensibilidade artística. O que te impressiona mais neste maravilhoso quadro?

— Estava a pensar — respondeu o rapaz — que bem recortado fazia-se daqui um grande jôgo de paciência...

O juiz: — O réu é acusado de pedir esmola na via pública. Que tem a alegar em sua defesa?

O réu: — Não foi culpa minha, senhor

juiz. Eu tinha-me recolhido no umbral duma porta. Quis ver se chovia e estendi a mão. Nesta altura um sujeito que passava deixou cair um tostão...

Um realizador cinematográfico queria contratar um assistente. Mas insistia em que para esse lugar só lhe convinha alguém que fôsse diplomado por uma escola superior. Apresentou-se lhe um pretendente que êle olhou com simpatia e a quem perguntou:

— Tem algum curso superior?

A resposta foi afirmativa.

— Muito bem. Nesse caso mostre-me o seu diploma.

O homem fêz-lhe ver que ninguem traz consigo os seus diplomas quando se trata de pedir um lugar para que êles não são, em geral, exigidos. Mas prontificou-se a apresentar tôda a documentação no dia seguinte.

— Não vale a pena. — objectou o realizador — Tempo é dinheiro. Diga-me três ou quatro palavras difíceis...

— E agora — disse o sargento para os seus soldados — tomem bem nota que os quero aqui às duas horas em ponto. E reparem que quando eu digo *às duas horas em ponto* não quer dizer às duas e cinco mas sim às cinco para as duas.

A campainha do telefone retiniu e o chefe da esquadra levantou o auscultador.

— Está lá? — perguntou uma voz distante — É da esquadra da Polícia?

O chefe respondeu afirmativamente.

— Pode dizer-me se está aí um preso chamado Tibúrcio?

— Tibúrcio?! Não conheço ninguém com esse nome.

— Ah! — respondeu a voz com expressão de alívio. — É que este quarto está fechado à chave e pensei que me tinham metido num calabouço...

Um homem dirigiu-se a um advogado e pediu-lhe

que se encarregasse da cobrança de algumas dívidas que considerava quasi perdidas. Propôs-lhe que metade seria para êle em pagamento do seu trabalho.

Passou-se algum tempo e como não recebesse notícias o homem procurou novamente o advogado e perguntou-lhe como ia o assunto.

— Eu lhe digo — explicou o causídico — A minha metade já eu consegui receber. Mas quanto à sua devo confessar-lhe que tenho poucas esperanças.

Num curso de enfermagem, o médico avalia do aproveitamento dos alunos:

— Que se deve fazer se, depois de se ter praticado a respiração artificial, o afogado não der sinais de voltar a si?

O aluno calou-se embaraçado e, como supremo recurso, aventou:

— Dá-se-lhe um copo de água...

A arte de vender:

— É inútil insistir. Já lhe disse que os seus artigos não me convêm. E se continua a teimar mando pô-lo fóra do escritório...

— Nesse caso, devo considerar isso como uma recusa?

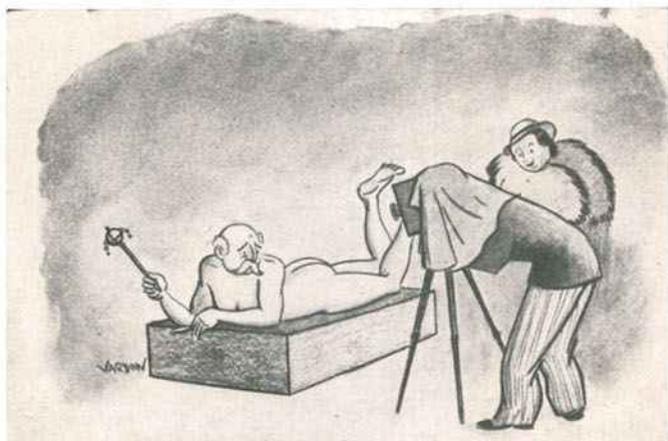
Conversa entre dois mendigos:

— Eu fui banqueiro...

— E eu fui seu cliente...

Uma opinião de Caruso:

"Os franceses são para compor a música, os italianos para a cantar, os alemães para a tocar, os ingleses para a ouvir e os americanos para a pagar."



A mulher, para o fotografo: Perdeu a fotografia que tinha tirado em pequeno e fazia muita estimação nela...



O Terreiro do Paço quando da experiência de Bartolomeu de Gusmão

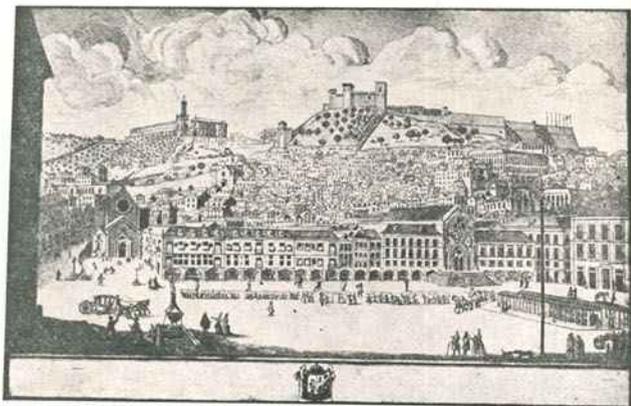
No dia 8 de Agosto de 1709, reinando o jóven rei D. João V, realiso o padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão a sua experiência na famosa "Passarola", que o havia de levar por ares e ventos aos pináculos da glória. Não obteve o êxito que esperava, mas nem por isso deixa de ser o legítimo precursor das proezas dos irmãos Montgolfier, de Blanchard e de tantos outros que conseguiram pôr em execução o plano que tão engenhosamente gisara.

O erudito escritor Matos Sequeira é que não se dignou tomar a sério o inventor, arguindo-o de "charlatanices de físico", que, ora assava postas de carneiro com os raios solares através duma lente, ora "fazia carvão com mato e lama sêca", tal como os carvoeiros de hoje ainda usam, na confecção das "bolas" apesar da civilização que nos orienta.

O sr. Matos Sequeira ficou mal disposto com a colocação duma lápide comemorativa do vôo da "Passarola", que o Aéro-Club fez cravar numa das paredes do Castelo de S. Jorge no dia 8 de Agosto de 1912 — e daí a sua violência contra o pobre sábio que, como outros grandes espiritos, sofreu perseguições afrontosas, indo até parar, para que nada lhe faltasse, aos cárceres da Inquisição, donde os jesuítas o salvaram.

Matos Sequeira teve razão às carradas ao discordar da tal lápide que só a ignorância mais obtusa poderia ter colocado em semelhante local. No entanto, que nos conste, não foi o padre Bartolomeu de Gusmão que encomendou o sermão ao Aéro-Club, nem meteu para aí prego nem estôpa.

Os estudos feitos por Gusmão, tanto no Brasil como em Portugal, mereceram



O Rossio no tempo do famoso precursor da aeronáutica

A VISA DUM SÁBIO

Do engenhoso plano de Bartolomeu de Gusmão saíram as maravilhas da navegação aérea

com o incêndio da "Passarola" que os criados da Casa da Índia apagaram à pásada, inutilizando assim uma experiência maduramente calculada durante tantos anos. Quando muito, deveria mandar espafifar a tal lápide do Castelo de S. Jorge, tendo em conta que se o mal-aventurado inventor voltasse a êste mundo, seria êle o primeiro a dar cabo dela.

Assim, quem se ficou a rir foi a França que sempre ansiou pela primasia nas conquistas aeronauticas, e foi a própria China que, tarde e a más horas, se lembrou de reivindicar êsse direito.

Em Agosto de 1908, o "Peking Je Pao" (Diário de Pequim) dizia com a maior sem-cerimónia, ilustrando as suas considerações com duas gravuras elucidativas, que a invenção dos dirigíveis pertencia ao Celeste Império:

"O nosso compatriota Sie-Tsan-Tai — dizia o "Peking Je Pao" — inventou em 1897 um balão que, com uma carga de 50 pessoas, conseguiu elevar-se nos ares sem ajuda do vento e manter-se por seus próprios meios, imóvel, e obedecer a todos os impulsos que o seu piloto lhe imprimia. Como se vê, deixa muito atrás as máquinas fabricadas na Europa. Os estrangeiros ficaram admirados ante a invenção de Sie quando êste deu parte

da sua descoberta, há dez anos, a todos os jornais do mundo. Só três anos depois de terem sido divulgados os planos, é que o brasileiro Santos Dumont construiu um dirigível semelhante, ainda que muito inferior ao de Sie, visto só poder levar uma única pessoa..

E o "Peking Je Pao" explicava o invento do seu compatriota:

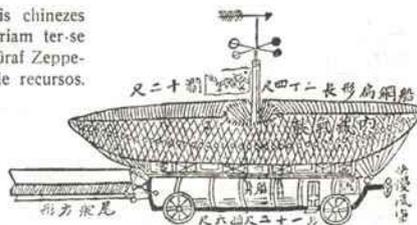
"A barquinha é construída em cobre, O globo é composto por uma envoltura de sêda coberta, por cima, com uma rede de aço. As helices centrais asseguram a subida e a descida. A de um dos extremos é a propulsora do vôo, tanto para a frente como para traz. Um tubo no extremo oposto serve para enviar ao globo o gás que se fabrica na barquinha. Na gravura não se vêem os dois timões que servem para assegurar a horizontalidade no vôo. A envoltura do globo é ponteguada para que oponha menos resistência ao ar. Por sua vez, os passageiros podem confiar plenamente na sua segurança, pois tôdas as precauções foram tomadas para o caso de haver uma avaria..

Pouco depois, o mesmo jornal de Pequim informava, orgulhosamente, que "no momento em que Sie-Tsan-Tai dava o último retoço na sua invenção, um outro chinês, o sr. Yu-Koun-Ho, de Cantão, vencia também as dificuldades do problema, embora a sua máquina, engenhosamente construída sob o ponto de vista prático, fôsse inferior à de Sie..

Quem era êste Yu-Koun-Ho? Um filho do Celeste Império que se dedicara aos estudos de mecânica no Estados Unidos durante trinta e cinco anos, manifestando, desde o começo, uma vocação enorme pela aeronautica. Em 1895, tendo o Japão infligido uma derrota à China, o bom Yu-Koun-Ho, ardendo em patriotismo, apresentou-se ao governo de Pequim e pretendeu convencê-lo da necessidade de construir dirigíveis para conseguir uma desforra estrondosa. O chefe do governo chinô achou graça ao visionário e despediu-o amavelmente, alegando não haver verba para alimentar utopias, pois a guerra tinha esgotado todos os recursos do Estado..

Em boa verdade, os dois chineses que há quarenta anos, poderiam ter-se antecipado ao prodigio do "Graf Zeppelin", fracassaram por falta de recursos.

O mesmo sucedeu ao padre Bartolomeu de Gusmão que, tendo suportado as vaias dos incrédulos em matéria científica, e os remoqueos dos vates do seu



O dirigível de Yu Koun-Ho



O dirigível de Sie Tsan-Tai

tempo, sofreu o incêndio do aparelho que tão engenhosamente construiu.

No fim de contas, a experiência da "Passarola" não redundou no tal fracasso que se imagina. No número 223 da "Ilustração", referimo-nos largamente à descrição de Franz Gualtzer, postilhão de correios, fez à côrte de Viena (então capital da Alemanha) de tudo o que observou em Lisboa e que o "Diário de Viena" publicou, enaltecendo o inventor português.. Se a experiência tivesse sido um fracasso, nem os jornais de Viena se teriam preocupado com ela como se preocuparam, nem já se falaria hoje em semelhante coisa.

A própria França, apesar da prosápia dos seus Montgolfier, tem por vezes rebates de consciência. A gravura que publicamos é legendada, como vêem com inteira justiça. Um numero especial do "Paris Illustré", de 1 de Janeiro

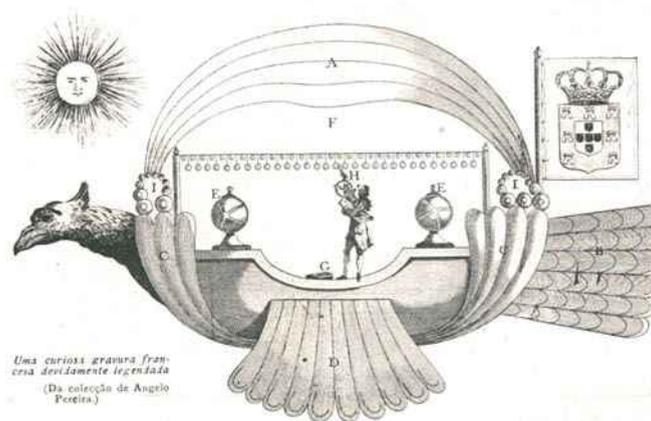
de 1885, que por acaso nos veio parar às mãos, ilustra os três artigos de Gaston Tissandier sobre "Les aerostats et la navigation aérienne", com interessantes gravuras de página, uma das quais tem à cabeça a "Passarola" com a legenda: "Laurent Gusman — 1709..

Vai passar no dia 8 do corrente o 226.º aniversário da experiência de Bartolomeu de Gusmão que ninguém conseguirá arrancar da História da Aeronáutica por mais lápides que o Aero Club se lembre de mandar cravar onde lhe dê na realíssima gana e sempre aeriamente como o seu programa e título parecem indicar.

FIGURE DE LA BARQUE INVENTÉE EN 1709.

Par Barthelemy Laurent de Gusman Chapelain du Roi à Li bouss

Pour s'Elever et Cheminer à travers les Ais



Uma curiosa gravura francesa devidamente legendada (Da coleção de Angelo Pereira.)

Há seis anos resolveu a companhia de seguros "Fidelidade", por proposta do ilustre economista, sr. Ernesto Driesel Schröeter, retirar do seu activo a verba designada sob a rubrica "Faca de Mato", por tradição atribuída a uma magnífica e valiosa obra da ourivesaria portuguesa que há cerca de cinquenta anos estava depositada nos cofres daquela companhia, embora em propriedade comum com a "Garantia", como salvado de seguro marítimo de 7 mil libras em que ambas foram participantes, sendo esse precioso objecto de arte entregue ao Museu de Arte Antiga, para ali ficar exposto. . . .

Pois, segundo nos consta, a celebrada "Faca de Mato", continua no cofre da referida companhia de seguros por não ter sido aceita pelo destinatário!

Vem a propósito relatarmos a triste história dessa preciosidade, digna de figurar no lugar que lhe compete.

O ourives Estevão de Sousa, tendo em conta a predilecção do rei D. Fernando II por obras de arte, encomendou ao notável cinzelador Rafael Zacarias da Costa vários trabalhos que foram colocados facilmente na casa real. Entre eles destacaremos um salieiro de ouro que foi adquirido por D. Maria II; um calix que D. Luiz ofereceu ao papa Leão XIII por ocasião do seu jubileu, e um copo de prata que D. Fernando comprou para enriquecer a sua colecção.

Em dado momento, o viuvo de D. Maria II manifestou interesse por uma faca

de mato que tivesse, mais ou menos, a configuração duma espátula de marfim que seu filho D. Pedro V recebera de Itália, como presente.

O cinzelador Rafael Zacarias da Costa aceitou a encomenda do ourives Estevão de Sousa, começando o seu trabalho em Junho de 1863 e terminando-o em Maio de 1874 — isto é, onze anos de trabalho!

Quando apareceu essa preciosidade, que mede 63 centímetros de comprimento, todos os entendidos ficaram maravilhados ante o magnífico cinzelado de mais de 100 cabeças e corpos de animais que se agrupavam apinhadamente por toda a bainha e cabo.

D. Fernando, embora reconhecesse a perfeição do trabalho, não concordou com o preço, voltando a faca para o estabelecimento do Estêvão de Sousa, sito na rua do Ouro. Como não tivesse grande esperança no mercado português, o ourives decidiu enviá-la a Londres, que foi sempre o grande meio para estes negócios.

Segura previamente em 7 mil libras na Companhia "Fidelidade", a "Faca de Mato" seguiu a bordo do vapor "Cadiz", em Maio de 1875, com rumo à capital inglesa. Dias depois, o vapor, batido por um violento temporal, afundava-se próximo do canal de Brest, esventrado pelas fragas de Ushant. Do naufrágio escaparam apenas um tripulante e três passageiros.

Quem menos se preocupou com o desastre foi o ourives Estêvão de Sousa que correu logo à companhia de seguros a receber as 7 mil libras de indemnização que compen-

savam vantajosamente a qualquer comprador que, cedo ou tarde, se deixasse tentar pela mercadoria.

Entretanto, a "Faca de Mato" já ficou no fundo do mar até o dia em que os mergulhadores da casa Bruno da Silva & Sons,

UMA OBRA DE QUE RESSUSCITA

A "Faca de Mato" Mestre Zacarias e a fatalidade a persegue

de Londres, se aventuraram a ir buscá-la pelos cinzeladores, temos por cá muitos e bons cumbência da companhia de Seguros "Fidelidade" vem de longe. Desde a custódia de Belem de. Após seis semanas de aturadas pesquisas, a magnífica obra de arte de mestre Zacarias voltou à luz do sol. Todavia, a acção corrosiva da água salgada tinha oxidado a tal ponto que as oficinas de Elkington & Co. encontraram grande trabalho em restaurá-la. Os joalheiros londrinos tiveram a franqueza de confessar que era tal o seu valor artístico que não podiam atribuir-lhe valor exacto, nem sequer aproximado.

Voltou a "Faca de Mato" a Lisboa, e em 1878 figurava na Exposição Universal de Paris.

No ano seguinte, em 14 de Junho, foi enviada ao Rio de Janeiro, a bordo do vapor "Tamar", da Mala Real Inglesa. Na capital da nação brasileira obteve os mais entusiásticos elogios que engrinaldavam a fronte modesta do grande cinzelador de cujas mãos saíra essa obra de arte, e que Portugal deixava quasi esquecido.

Finalmente, a "Faca de Mato" voltou a Lisboa para o seu esconjuro do cofre da companhia de seguros.

Porque não está ainda no Museu, visto a generosidade da referida companhia tê-la tornado pertença da Nação?

Julgamos que o seu lugar deveria ser no Museu de Arte Contemporânea, onde faz falta uma secção destinada à ourivesaria nacional.

Já tratamos deste assunto nestas colunas, a propósito das peças de arte trabalhadas pelo ilustre cinzelador Augusto Luiz de Sousa, que foi discípulo do mestre Zacarias da Costa.

Porque não organiza o Museu de Arte Contemporânea a secção que lhe faz falta?

A' semelhança dos países que mais se orgulham dos seus ar-

tes, se aventuraram a ir buscá-la pelos cinzeladores, temos por cá muitos e bons cumbência da companhia de Seguros "Fidelidade" vem de longe. Desde a custódia de Belem de. Após seis semanas de aturadas pesquisas, a magnífica obra de arte de mestre Zacarias voltou à luz do sol. Todavia, a acção corrosiva da água salgada tinha oxidado a tal ponto que as oficinas de Elkington & Co. encontraram grande trabalho em restaurá-la. Os joalheiros londrinos tiveram a franqueza de confessar que era tal o seu valor artístico que não podiam atribuir-lhe valor exacto, nem sequer aproximado.

E, já que temos preciosidades que nos enobrecem para que tenhamos de as ocultar na escuridão dos cofres fortes como avários, ou como criminosos que tentam esconder as suas acções vergonhosas?

Se a celebrada "Faca de Mato" é hoje pertença da Nação por generosa dádiva das companhias "Fidelidade" e "Garantia", porque não figura no lugar a que tem direito?

Mestre Rafael Zacarias da Costa, nascido em Lisboa em 24 de outubro de 1816 e falecido em 1895, tem direito a esta consagração pelos seus numerosos trabalhos a que o estrangeiro rende culto. O sacrário de estilo gótico que êle cinzelou, continúa a ser admirado numa igreja da Baía.

Devemos nós, portugueses, recusar-lhe uma tão justa homenagem que, no fim de contas, os nós exalta aos olhos do estrangeiro?

Aguardamos que as entidades competentes se manifestem, como é de inteira justiça.

Mas, voltando ainda ao valor artístico dos nossos lavrantes de prata, seria interessante fazer ver aos estrangeiros os altíssimos valores de que nos cabe o legítimo direito de orgulho. Poderíamos provar-lhes que o velho estribilho do "ninguem é profeta na sua terra", não nos diz respeito.

Se fomos os primeiros a ir buscar ás Índias distantes o ouro que deslumbrou o mundo, quando se tratou de o trabalhar em cinzelados maravilhosos,

não ficamos atrás dos Celini.

Não devemos apoucar-nos por uma espécie de timidez que não compreendemos, nem por uma falsa modéstia que não tem a menor razão de existir.

Quando tenha de ser enviado um presente de anos ou noivado ao estrangeiro, que essa oferta não se valorize só pelo seu peso, mas pelo seu trabalho artístico. Ser ouro, prata ou até pedra, pouco importa. Quem sabe se o futuro retirará a majestade aos mais preciosos metais, equiparando-os, um dia, ao cascalho das ruas? Assim, os vasos de ouro do templo de Salomão ficariam valendo menos do que a Vênus de Milo, mesmo sem

braços, ou do que a Vitória da Samotrácia, apesar de lhe terem partido a cabeça. Todas as barras de ouro que o maior estabelecimento bancário do mundo tivesse arrecadado na sua caixa forte valeriam menos do que a sempre bela custódia dos Jerónimos, mesmo após a profanação sofrida ha tempos.

Qualquer presente que Portugal envie ao estrangeiro deve dar uma ideia, pelo menos, do talento dos nossos grandes artistas, que ainda os temos, graças a Deus. Mais interessante seria que, lá fóra, quando os críticos de arte se apinhassem em volta duma peça da nossa ourivesaria, não pedissem uma balança para avaliar o preço em quilos, mas que se extasiassem ante o cinzelado perfeito e a inspiração do artista que o realizou.

Interessante seria ainda que nos nossos museus houvesse uma secção destinada à ourivesaria nacional onde os nossos visitantes estrangeiros pudessem avaliar o mérito dos artistas portugueses.

Quando ha tempos, Angélico de Sousa foi desencantar as mais belas peças cinzeladas por seu pai, o grande lavrante Augusto Luiz de Sousa, peças que o seu primitivo comprador empenhára, fê-lo na intenção de as colocar num museu, numa justa e enternecida homenagem àquêle que lhe dera o sér.



D. Fernando II e sua segunda esposa a condessa de Edda



Cofre D. João V, obra magnífica do grande cinzelador Augusto Luiz de Sousa



A "Faca de Mato" Mestre Zacarias



rões que os forçaria a varrer as suas ruas e praças, sete vezes em cada ano, vestidos de vermelho e com um pé descalçado e outro calçado.

Este opróbrio para os de Barcelos durou sessenta anos. Nesta altura, o conde de Barcelos e duque de Bragança, D. Jaime, tentou terminar com uma tão ignominiosa servidão, valendo-se de toda a sua poderosa influência. Todavia, a ordem dada pelo falecido rei D. João I era categórica e não admitia subterfúgios. Não desanimou o conde, acabando por contratar com a câmara de Guimarães, cedendo-lhe as duas freguesias de S. Miguel de Concha e de S. Paio de Ruilhe que eram do termo de Barcelos de que o nobre titular era senhor, transferindo para os moradores das ditas freguesias a servidão que pesava sobre a gente da sua vila.

D. João I

QUANDO D. João I tomou Ceuta aos mouros no memorável dia 21 de Agosto de 1415, repartiu a defesa da muralha da praça pelos vários soldados das cidades e vilas do continente, que o haviam ajudado nessa difícil empresa. Neste sector ficaram os de Barcelos, naquêlo os do Porto, naqueloutro os de Guimarães, e assim sucessivamente.

Em dada altura, os mouros, expulsos de Ceuta, não se conformando com o revés, voltaram á carga, num ímpeto furioso, tentando a escalada. Todos se bateram bem, com verdadeiro denodo, tanto os de fóra como os de dentro, honrando a bandeira da sua pátria.

Prosseguia o ataque cada vez mais encarniçado, quando a gente de Barcelos, tomada de desânimo, abandonou o seu pósto que os atacantes não tardariam a ocupar. Neste momento, a gente de Guimarães, vendo a fuga dos de Barcelos, dividiu-se em dois terços, um dos quais sustentou o pósto que lhe pertencia, indo o outro ocupar o lugar que os barcelenses tinham abandonado. Portaram-se valentemente e os mouros não conseguiram pôr o pé na fortaleza.

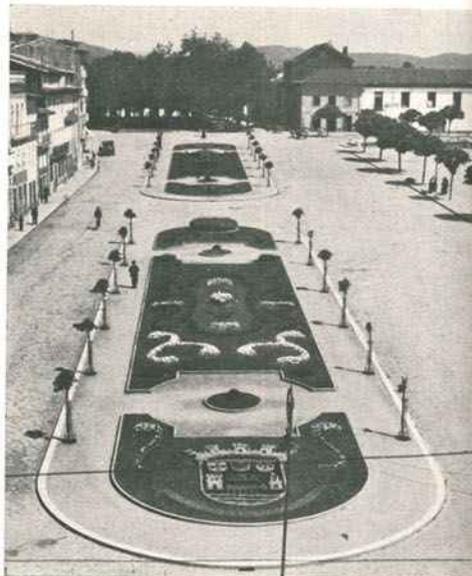
D. João I, furioso com a atitude dos de Barcelos, não se limitou a castigá-los duramente, quis que a seu opróbrio caísse sobre todos os filhos da risonha vila minhota — e através dos séculos!

Assim, ordenou que os moradores de Barcelos ficassem escravizados a Guima-

Foi assim que se conseguiu, à custa da escravidão destes dois povos, salvar da vergonha e do ridículo os vereadores da vila que era cabeça de condado!

Em dado momento, o famoso poeta e juriscônsulto Gabriel Pereira de Castro procurou pôr termo a uma tal servidão que pesava sobre inocentes aliadados por completo do acto de cobardia praticado em Ceuta. Como alguns caseiros seus tivessem sido multados em seis mil réis cada um por não comparecer à varredela vimaranense, o enérgico autor da "Ulisseia", valendo-se das suas habilidades de advogado, apelou para os tribunais competentes. Correu um pleito, mas, apesar de to-

Um trecho de Barcelos



TRÊS SÉCULOS DE ESCRAVIDÃO

Os moradores da vila de Barcelos forçados a varrer as ruas de Guimarães

dos os esforços empregados pelo dr. Gabriel Pereira de Castro, os de Guimarães obtiveram sentença favorável.

E os desventurados povos de Concha e Ruilhe tiveram de suportar a ignominiosa afronta durante muitos anos ainda.

Finalmente, D. João V, ao ter conhecimento de tão iníqua sentença, acabou com ela, assinando a seguinte provisão:

"D. João, por Graça de Deus, rei de Portugal, etc. — Faço saber, que havendo respeito, e me representaram por sua petição os moradores das freguesias de S. Miguel de Concha e S. Paio de Ruilhe, da Sereníssima Casa de Bragança, que havia mais de trezentos anos se achavam obrigados pela câmara da vila de Guimarães a uma servidão injuriosa, de irem sete vezes no ano a varrer a praça, terreiro e açougue da mesma vila, por cada vez três homens das ditas freguesias, a quem cabia por distribuição, aos quais vestiam na câmara uma opa vermelha, com barrete da mesma côr, de que saía uma ponta pelas costas até o talar, e a espada que levavam lha metiam em um cinto amarelo às esquerdas e, os faziam descalçar um pé e perna, ficando com o outro calçado, pondo-lhes ao cinto o sapato e meia, que tinham descalçado, e sendo conduzidos por um guarda, que

havia para isso deputado, os faziam exercer aquela vil servidão assim como os das galés, estando os suplicantes sujeitos a esta servidão debaixo de grandes penas, com que eram vexados, na falta de assim servirem, padecendo grandes injúrias e ludibrios de apupos dos rapazes e outros semelhantes, nas ocasiões desta servidão; a qual se dizia era fundada por uma sentença, que havia do senhor rei D. João I, que tinham os vereadores da dita vila de Guimarães em seu poder, por haverem estes suprido a falta, que não chegaram a ocupar por médo ou fraqueza a ordenança de Barcelos, sendo-lhe destinado o sítio, ou estança para o assalto da praça de Ceuta, por cuja causa proviera aos vereadores da dita vila de Barcelos esta servidão, e o conde da mesma vila, pelos livrar, a impureza aos suplicantes que sendo nesse tempo do termo da vila de Barcelos, fizera passar as ditas freguesias para o termo da vila de Guimarães.

"E visto o que alegaram e constou das informações do provedor da comarca da dita vila de Guimarães, e ouvidos os oficiais da comarca dela, e remetendo a cópia da primeira obrigação que os suplicantes fizeram, e por não satisfizerem com os documentos em que fundaram a sua resposta, foram por especial ordem minha notificados para que os ajuntassem, ao que não satisfizeram, e pretendiam ser nesta côrte ouvidos; para o que se mandou ao corregedor do cível da cidade, Simão da Fonseca e Sequeira, que no termo de oito dias os ouvisse, e com o que os suplicantes disseram, e novamente os suplicados representaram; tendo outrossim já sido ouvida a nobreza e povo da dita vila de Guimarães, que requereram



Ruínas gloriosas de Guimarães

e pediam se conservasse a dita servidão como privilégio à Senhora de Oliveira da dita vila, e que sobre a posse dela os poderiam os suplicantes demandar pelos meios ordinários; e porque os ditos vereadores da vila de Guimarães mais obrigavam os suplicantes para sinal e reconhecimento da sua servidão, com vestes e insígnias ignominiosas, de que por haver daquela limpeza necessidade, pois os lavradores a façam por conveniência própria das suas fazendas, mandando quotidianamente varrer as ruas, praças, terreiros e açougues."

Barcelos libertava-se finalmente daquela ignominiosa servidão que durante sessenta anos affligiu os seus moradores e durante mais de dois séculos e meio envergonhou os brios dos honrados bar-

de Ruilhe dadas como resgate à voracidade do ôgre vimaranense.

Não nos admira que o fundador da segunda dinastia, estribado nos usos e costumes do seu tempo, desse largas á sua fúria, castigando a vila de Barcelos com tão iníqua sentença. O que nos causa espanto é que a câmara de Guimarães, trezentos e tantos anos depois, ainda se empenhasse no cumprimento de tal pena, cujo proveito se resumia em apoucar e ofender os visinhos barcelenses. Isto depois de lhe ter apañiado duas freguesias como compensação.

Uma tão feia acção não está á altura da nobreza da terra vimaranense que pode orgulhar-se de ter sido o berço da nossa independência e soberania.

Que os soldados barcelenses enviados a Ceuta não se portaram bem na defesa da praça, todos nós sabemos; mas poderiam os restantes filhos da risonha vila minhota ser responsáveis pelo desânimo de alguns?

Quando Afonso Henriques, organizando as suas legiões, talhou a golpes de montante a nossa nacionalidade, encontrou alguma vez desfalecimento nos soldados que foi buscar a Barcelos?

Temos a certeza de que, ao ser conhecida no continente a triste notícia da falta de bravura dêsse punhado de soldados, foi a vila de Barcelos a que mais lamentou um tal facto que contrastava deploravelmente com a galhardia dos vimaranenses.

Foi cruel a justiça de D. João I, que poderia ter-se limitado ao castigo dos culpados. E, se algum opróbrio desejava lançar sobre a vila que lhe entregara tais filhos, desse-lhe, ao menos o direito de reconquistar o seu brio por um feito notável que não lhe faltariam ocasiões nessas eras de continuas batalhas e conquistas.

Não seria em vão que os barcelenses voltariam a empenhar-se em lutas renhidas e sanguinárias como o fizeram com Afonso Henriques, antes de Giraldo o Sem Pavor ter aparecido em Évora na escalada da famosa torre.



D. João I celenses nas freguesias de S. Miguel de Concha e de S. Paio



MAX REINHARDT estreou-se há pouco no cinema com "Sonho dum noite de verão", que uma empresa de Hollywood teve artes de convencê-lo a realizar. O artista mais eminente do teatro moderno fez à imprensa algumas declarações sobre esse seu trabalho.

Começou por acentuar que o texto de Shakespeare foi escrupulosamente respeitado. Não se encontra em todo o diálogo do filme uma única palavra que não esteja na peça.

O facto de a maioria dos artistas serem norte-americanos fez levantar a questão de que a pronúncia chocaria os ouvidos britânicos. Reinhardt tranqüilizou a este respeito os admiradores do Shakespeare. Todas as cenas foram ensaiadas em colaboração com um professor inglês especialmente encarregado de corrigir os vícios de pronúncia.

E dando largas ao seu entusiasmo pelo imortal poeta inglês, Reinhardt disse:

"Shakespeare pode ser popularizado, mesmo em Inglaterra, pelo cinema. Gostaria de extrair filmes do "Hamlet", do Rei Lear...".

E por uma associação de ideias acrescentou:

"Creio que os poetas do futuro compreenderão todas as enormes facilidades que o cinema lhes oferece e escreverão especialmente para êle".

Palavras significativas da parte dum homem que tem dedicado ao teatro o melhor da sua grande arte e que mal acaba de se iniciar nos mistérios do cinema.

Abel Gance trabalha na realização dum filme extraído da célebre obra do Edmond About "O romance dum rapaz pobre", Marie Bell e Pierre Fresnay são os protagonistas.

A lenda do Stenka Razine volta a seduzir os cineastas. O realizador Strijewski vai repor no cinema o célebre "Volga-Volga" e que desta vez se chamará "O barqueiro do Volga", e — porque se trata dum filme sonoro — será valorizado com formosas canções.

O argumento desta versão diferirá contudo do da anterior. O escritor Joseph

Kessel recebeu a incumbência de refundir totalmente a obra. E do seu trabalho resulta que só o ambiente é o mesmo. Tudo o mais foi modificado como se pode ver pelas linhas gerais do entrecho de Kessel:

Em 1914, um grande músico, nascido nas margens do Volga, apaixonou-se por uma estrangeira e por ela abandona o seu rio. Um dia, à semelhança do Stenka

Algumas cenas do filme "A conquista do ar", que uma companhia inglesa está realizando, serão supervisionadas pelo conhecido estadista britânico Winston Churchill.

Confirma-se agora uma notícia que há já algum tempo circulava com reservas. Emil Jannings vai interpretar o papel do tsar Ivan I, "o Terrível". O filme será dirigido por Jack Forrester, com quem é possível que colabore o realizador russo Volkoff.

Como o leitor decerto se recorda "Ivan o terrível", serviu já de tema a um belo filme russo que há anos se exibiu em Lisboa.

A filmagem deve começar nos primeiros dias de Agosto. Não está ainda fixada a escolha de Londres ou Paris para a realização do filme, nem tão pouco o número de versões que terá, presumindo-se o francês, o alemão e, possivelmente, o inglês.

Annabella é muito apreciada pelo público britânico, graças aos filmes de René Clair, que são muito populares em Inglaterra. Esse facto levou o produtor inglês Basil Dean a contratá-la para interpretar o principal papel em "Ballerina", filme baseado no romance de Eleanor Smith.

O CINEMA

NAS SUAS RELAÇÕES COM AS ARTES E A LITERATURA

Razine, volta para viver uma grande aventura.

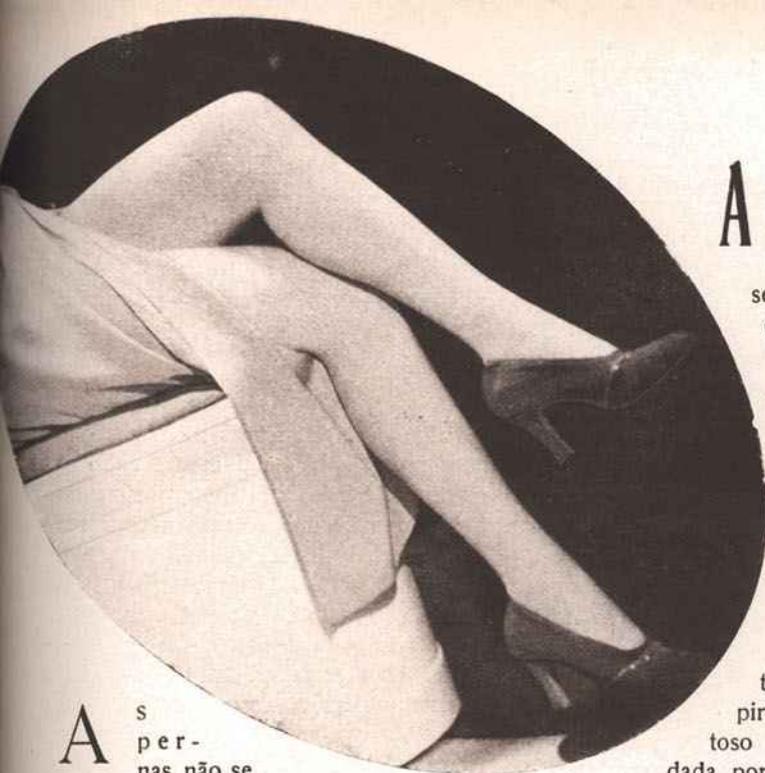
Como se vê, a figura do grande bandido, que "Volga-Volga", nos apresentava na derradeira cena como um "Cristo impuro", não aparece no film, embora paire sobre êle como um símbolo, como a própria encarnação do espírito do rio.

Mais uma obra de Pierre Benoit vai ser adaptada ao cinema. Trata-se de "O rei leproso", cuja realização caberá a Leopold Shepmans. A maioria dos exteriores será filmada nas florestas da Indo-China.



Sabendo-se o interesse que o cinema desperta entre os humanos, não é de estranhar que uma corça se mostre curiosa perante uma máquina de filmar

A eloquência das pernas



As pernas não se

limitam a ser bonitas, feias, esculturais ou tortas. As pernas não são apenas os nossos órgãos locomotores.

Essa função é enorme, e nela reside a maior alegria de viver — andar — a não ser para os indolentes e os preguiçosos que preferem as almofadas mais ou menos macias de um automóvel a um higiênico passeio a pé pelas avenidas ou uma vadiagem pelo campo, à beira-rio, respirando a plenos pulmões, e ouvindo a passarada a chilrear nas ramarias.

As pernas tem uma missão de alta interpretação espiritual, que nos é dada através dos movimentos de uma valsa de de um fox-trot ou de um tango, sem ir buscar um gênero mais representativo aos clássicos da atitude.

Quanta beleza pode crear um passo de bailado! e como o baile afina a elegância e valoriza as linhas do corpo humano!

Devia fazer parte da educação escolar essa ginástica de flexibilidade que é a dança.

Fala-se tanto no apuramento da raça, (e tanto que até se tem pensado em esterilizar os péssimos exemplares), que tudo que pudesse concorrer para fortalecer e melhorar o físico devia andar a par dos progressos da inteligência.

Pela dança corrigem-se certos jeitos desgraciosos de presença e de andar e obtem-se um ar desempenado e ao mesmo tempo gracioso.

Conhece-se perfeitamente pelo andar a mulher que sabe dançar, mesmo sem ser profissional.

O seu pisar é mais seguro e o corpo acompanha o movimento dos pés com um não sei quê de mais *chic* que não

se observa noutra a quem a arte não ajuda.

E quanto não pode exprimir-se, ao dançar! Vejam como êsse extraordinário Nijinsky sabia falar com as pernas.

Tôda a sensualidade do *Fauno*, tôda a volúpia respirada no olor capitoso dos bosques era dada por êle com as suas pernas admiráveis, que uma

expressão assombrosa de todo o corpo acompanhava, como se fôsse exteriorizada pela pintura e pelas palavras combinadas.

Tanto cérebro gastava êsse homem, na perseguição constante do ideal, que saiu do palco para o manicómio.

Endoideceu de muito sonhar com a perfeição.

As memórias que sua mulher ha pouco publicou contam bem as suas lutas e os seus triunfos.

Como todos os verdadeiros artistas, êle nunca estava satisfeito com o seu trabalho.

Mil incompreensíveis e misteriosos ideais desafiavam sem descanso a sua gula de encantamento.

Achou-se sempre estranho, e ainda hoje se acha, e sempre sem razão que o homem dançasse. Diziam que não devia, sem quebra das suas prerrogativas viris, dedicar-se a exercícios de graciosidade e esbelteza.

Entendia-se que o rei da criação só podia ser feio e forte.

Por isso, quando apareciam no tablado homens dançando, os olhavam com desdem, como se os meneios coleantes os degradassem das suas insignias de masculinidade. Êrro de arte e êrro de concepção.

O homem pode sentir, como a mulher, a influência da beleza, traduzida pela atitude e pelo movimento rítmico do corpo, excitado pela música.

E' uma manifestação de estética tão cheia de espiritualidade como a pintura, a escultura e o canto.

Desde que o dançarino é movido por

um impulso criador de beleza e não por degeneração doentia dos seus sentidos — e a primeira causa deve ter a maioria — o homem conserva na integra as suas vantagens sexuais, sem diminuir-se.

Felizmente para a arte e para os artistas existem compensações bastante gratas e valiosas para antepor aos críticos de mau gosto.

A dança, que era julgada apenas, por muitos, como uma gracinha que alindava a mulher, sem verem mais além duma pirueta ou de um meneio de ancas, já é considerada em nossos dias como manifestação de uma arte superior.

Em Paris há mais um museu, não de literatura ou artes decorativas mas de baile — o museu Pawlowa.

Até agora só se reservava para a admiração dos vindouros a compilação de livros, quadros e esculturas...

A cidade da luz quer ir mais longe no seu culto por tudo quanto é belo e traduz a inteligência humana, e organizou o museu Pawlowa para perpetuar a memória dessa mulher que um flúido quasi feitiço inebriava.

Nessa sala, fixam-se pela fotografia os mais belos momentos de arte de Pawlowa, obrigando o visitante a evocar a grande bailarina que saltando dos retratos enche o ambiente de um perfume embriagador de sugestões de formosura e de elegância.

O público, recorda as curvas silfideas dos seus braços, o casto ondular do seu corpo, nessa agonia sublime do cisne que nos deixava esmagados de comoção e chora tanta beleza perdida, tanto sonho desfeito.

Mercedes Blasco.





Obra de D. António Vieira. São João del-Rei, 1742

O Padre António Vieira pregando no Brasil — gravura de 1742

platonico. A lingua portugueza será pois brasileira — no Brasil. O Brasil é grande, mas o Mundo é maior. "Voltemos agora à definição de João Ribeiro e impregnemo-nos bem do seu sentido profundo e verídico:

"A Língua Portuguesa... Foi essa, e não outra a que primeiro praguejou com a tempestade oceânica; a que primeiro exprimiu a alma das immensas distâncias: a saudade..."

"Veja bem o Leitor que esta fórmula é lapidada, e mais do que isso. Dentro dela estão comprimidas a Verdade e a História exactíssimas. E esta fórmula escreveu-a um Brasileiro, um só, e não foi chamar outros 157 para a assinarem com elle, e lhe darem mais força e a promoverem a lei.

"Contudo, nenhuma von-

tade, nenhuma intelligência, nenhuma consciência humana a podem alterar sem a destruir. E, se a destruissem, ficariam iguais e indifferentes a História e a Verdade. O escritor não promulgou assim lei nenhuma. Mas, pelo seu espirito, como pela sua letra, o que elle escreveu é IRREVOGAVEL. Nem 158, nem 1580, nem 1580 milhões de homens podem fazer com aquella simples definição literária o que tantíssimas vezes se faz ás leis com outras leis — e que nem vale a pena fazer ás que já de si nascem mortas..."

Assim, dá vontade de seguir esta questão em todos os seus trâmites, orientada por espiritos esclarecidos, sensatos e sabedores.

Nota da 1.ª edição da «Nova Floresta»

FALOU-SE para aí numa proposta que 158 deputados brasileiros apresentaram ao seu Parlamento, no sentido de ser crismada a lingua portugueza que a Pátria Irmã de Além-Atlântico fala há mais de quatro séculos, passando a chamar-se pura e simplesmente "língua brasileira".

Tanto bastou para que alguns literatos de sangue na guérra e mais papistas do que o papa, se antecipssem à douta opinião da Academia Brasileira de Letras, e viessem à estacada num assômo de patriotismo refervente, patenteado em violentíssimos remoqueos que se perderam no espaço — e ainda bem! — como as balas dos maus atiradores.

Calma, senhores, muita calma!

O Brasil, no fim de contas, não nos ofendeu, e o grito dos 158 parlamentares não encontrará eco em qualquer parte do Mundo, por mais que levantem a sua voz clamante.

A verdadeira definição deu-a, ha dias, o dr. Agostinho de Campos, ao rematar um dos seus artigos magistraes, com êstes dizeres que todos devem decorar como lição proveitosa:

"Diz agora um telegrama que a douta Academia Brasileira de Letras aprovou uma declaração contrária ao projecto dos 158. Mas tudo indica que o seu voto é

EM DEFESA DA LINGUA PÁTRIA

Bastam Vieira e Bernardes para garantir o seu prestígio

Falou desta maneira o dr. Agostinho de Campos que é um mestre entre os mestres, e a cujos salutarens ensinamentos todos nós, portugueses, temos necessidade de recorrer. A fúria de alguns literatos que, de conhecimentos da lingua pátria, têm apenas os que foram descortinar nalgum livrito francês mais ou menos réclamado, faz-nos lembrar da velha história de dois italianos pretenciosos que, após uma açêda discussão, em plena estrada, acêrca do valor literário de Dante e Ariosto, se apunhalaram desalmadamente, pugnando cada um pela superioridade do seu poeta. Um deles, tocado em pleno peito, caiu para não mais se levantar. Por entre gol-fadas de sangue, ainda consegui balbuciar esta confissão suprema em que — honra lhe seja! — refulgia uma réstea dêsse bom-senso que durante a vida inteira lhe escaseara:

— "Môro afirmando que Ariosto foi

superior ao Dante, e, todavia, nunca li nem um, nem outro!"

Ha quem se levante a defender a Língua Portuguesa que, dêem-lhe as voltas que quizerem, não corre o menor risco.

Conhecem êsses paladinos improvisados a prosa do mestre excelso Padre Manuel Bernardes? Não conhecem, está bem de vêr... Pois o próprio dr. Agostinho de Campos, calculando, em tempos, que estas coisas viriam a ser precisas, reünuiu em dois graciosos volumes alguns dos mais belos trechos dêsse escritor inimitável.

Devem lêr o padre Manuel Bernardes para não fazerem o ridículo papel dum apoloquista dos bons costumes que pretendesse moralisar os outros com palavras que fariam córar de vergonha o mais desbocado carroceiro.

Não seguindo êste conselho, arriscam-se a cair na estrada como o mísero italiano a que aludimos, e a terem de confessar que se bateram por uma dama que não conheciam nem sequer de vista.

Deixem lá os 158 deputados brasileiros com a sua proposta, cuja importância consiste apenas na importância que lhe dão.

Voltemos a ler o nosso Manuel Bernardes, recordando a famosa frase que o padre António Vieira — outro grande mestre — dedicou ao glorioso autor da "Nova Floresta", ao sentir esvaír-se-lhe a vida nêsse Brasil tão lindo e tão distante: — Emquanto vivo fôr o meu padre Manuel Bernardes, ninguém se amesquinhe por esta formosa língua!"

O Brasil ouviu isto e fez o possível por honrar a memória do grande prêgador português, gerando espiritos cintilantes como Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Raimundo Correia, Gonçalves Dias, Coelho Neto, Rui Barbosa, Olavo Bilac e tantos outros que formam constelações deslumbradoras no ceu formosíssimo da sua literatura.

Isso nos basta. Todos êsses formosíssimos talentos se exprimiram em português, e é na lingua portugueza que as suas obras estão escritas e ficarão eternas.

Nêste mês de Agosto que entra a visitar-nos faz anos que nasceu e morreu o nosso mestre Manuel Bernardes.

No dia 17 de Agosto de 1710 — três

Padre Manuel Bernardes

dias antes do seu 66.º aniversário natalício — finou-se entre os prantos sentidos dos frades oratorianos, a cuja ordem pertencia, êsse grande escritor que hoje mais do que nunca a deve ser lembrado.

No entanto, a sua morte ocorreu dois anos antes, no momento em que endoideceu. Quando deram o seu corpo á terra já

o seu belo espirito se tinha ausentado, há muitos meses, do vil invólucro humano.

Quando deram pelo mísero êstado mental do grande sacerdote, foi-lhe notificado que ficaria proibido de celebrar missa. Nessa altura ainda as suas faculdades mentais não estavam embotadas de todo, pois comprehendia tudo o que lhe diziam. E a prova é que, segundo se diz, desatou a chorar ao ter conhecimento da proibição.

Depois, tudo se lhe esvaíu. Ora chorava, ora ria, não mais sabendo dizer coisa com coisa, êle que fôra um dos mais eloquentes oradores do seu tempo!

Do homem apenas restava a figura, porque o espirito cintilante que o animara em obras prodigiosas evaporára-se como fogo de palha.

Por vezes, rugia algumas das suas mais belas páginas:

"Olha bem como todos, feitos uns tições negros, umas sombras horríveis, e no espectáculo de miséria eterna, e con-



fusa desordem, e vozeria entre ondas de fogo, desde o seio daquele medonho abismo clamam: Ó eternidade! eternidade! E respondem outros: Ó eternidade! eternidade!"

Os seus vigilantes sorriam-se da loucura do pobre sexagenário, ignorando a formidável obra que a sua intelligência criara num impulso de verdadeiro milagre! Sorriam-se — pobres ignorantes! — como tantos outros que para aí existem arvorados em paladinos da lingua portugueza! Hoje não seria fácil avaliar o que lhe fariam!

Pois a sua obra portentosa continua de pé e cada vez mais necessária.

Faz agora anos que desapareceu êsse que foi um dos maiores escritores portugueses. O Brasil, aconselhado pelo nosso glorioso padre António Vieira, tem sabido honrar-lhe a memória. Saibam os portugueses fazer o mesmo.

Gomes Monteiro.

NOVA FLORESTA.
OU
NOVA FLORESTA.

SYLVA DE VARIOS APOPTHEGMAS, E DITOS
tentenciosos espirituales, & moraes;
COM REFLEXOENS,
Em que o util da doutrina se acompaña com o variado
crudicio affim divina como humana:
offerreda, & dedicada
A SOBERANA MÃE DA DIVINA GRAÇA
MARIA
Santissima Senhora Nossa
PELO PADRE MANOEL BERNARDEZ DA
Congregação do Oratorio de Lisboa.
PRIMEYRO TOMO.

LISBOA.

Na Officina de VALENTIM DA COSTA DESLANDES, Imprentor de S. Magalhães
Com todas as honras de Officio. O. Privilegiado. Anno 1811. UCC. VI.



Ester Ralston com sua filha

enumeração de todas as lindas mulheres da tela que, na vida real, são mães, encheria de passo a maior parte dos nossos leitores. E compreende-se que assim seja por dois motivos. Primeiro, porque tudo nos induz a imaginá-las românticas ou pérfidas, caprichosas ou fúteis, segundo a natureza dos papéis que interpretam, e isso opõe-se de certo modo ao conceito que formamos da mulher-mãe. E ainda porque todas conservam, mercê de verdadeiros prodígios de arte, uma mocidade radiosa que parece ter acabado de desabrochar para os mistérios do amor.

Trata-se, afinal, de duas ilusões. As «estrelas» não são, na realidade, aquilo que os filmes nos mostram. Não têm, em geral, essas psicologias torturadas que as vemos encarnar, nem vivem as estranhas aventuras que as telas dos cinemas nos relatam. São, na sua maioria, boas raparigas a quem ensinam o recado e dêle se desempenham com a intuição que é o seu talento de artistas. E ninguém ignora que não é preciso ter instintos ferozes para fazer os papéis de «vamp», nem estar apaixonada para interpretar as «ingênuas».

Quanto à sua juventude, já sabemos a que grau de perfeição se elevou a ciência da beleza. E é face da técnica, nada tem de extraordinário que, mesmo após o nascimento de alguns filhos, as «estrelas» conservem essa aparência de mocidade que nos deleita a nós, espectadores masculinos, e faz a inveja das nossas companheiras.

Muitas das mais admiradas «estrelas» do cinema são pois — já o dissemos — mães de encantadores bebês. E o facto não é mais conhecido pela simples razão de que os dirigentes da publicidade, profundos observadores da psicologia das multidões, entendem que raramente a sua divulgação beneficia o prestígio das artistas, a quem convém mais o ambiente romântico de que a imaginação do espectador se cerca. Não quer isto dizer, aliás, que estes casos se mantenham secreto e que, ao citarmos nomes, nos propunhamos fazer sensacionais revelações. O que se procura, geralmente, é passar tais factos



Virginia Bruce

em discreto silêncio, satisfazendo a curiosidade do público com pormenores menos reais sobre a vida das «estrelas». E é quanto basta para que uma grande maioria ignore tudo quanto ao assunto se refere.

Quantas pessoas sabem, por exemplo, que a esta lista de mães-artistas pertencem, a par de muitas outras, Frances Dee, Virginia Bruce, Glenda Farrell, Joan Bennett, Karen Morley e Ann Harding?

Ora estas «estrelas» que brilham nas constelações luminosas da capital do cinema têm um drama íntimo que é comum a todas. Ser mãe é, para uma artista de Hollywood, um problema mais doloroso e grave do que para qualquer mulher vulgar. E há para isso, sobretudo, duas

ASPECTOS DO CINEMA

O drama ignorado das «estrelas»

Conciliar o amor dos filhos com as exigências da carreira é para as actrizes de cinema um dos mais graves problemas

razões, como vamos ver. Em primeiro lugar, a «estrela» é dominada pelas exigências tirânicas da sua profissão. Arrastada no torvelinho duma vida exaustiva, não dispõe de tempo para dedicar aos filhos. O trabalho no estúdio começa cedo e a artista sai de casa deixando o seu bebê ainda no berço. Mal o beija com receio de o despertar. Regressa à noite, fatigada e deprimida e vem encontrá-lo já deitado. O que levou há tempo Virginia Bruce a dizer esta frase de eloquente simplicidade que um jornalista americano registou:

— Há três dias que não vejo o meu filho acordado...

Mas tem ainda outro motivo a tragédia das mães de Hollywood. A celebridade e riqueza de que gozam atraem sobre elas sinistras ambições. Para os «gangsters» norte-americanos o filho duma «estrela» seria um excelente presa pela qual poderia exigir pesado resgate. Os elevados salários das artistas, a sua opulência, são fortes motivos de tentação para os criminosos. Não admira pois que, no país onde raptaram e assassinaram o bebê Lindbergh, as «estrelas» de cinema que são mães vivam em constante sobressafo.

São estes os dois factores determinantes da tragédia das mães de Hollywood. E todas as mulheres que já conheceram os prazeres e sofrimentos da maternidade concordarão, decerto, em que o destino é pouco favorável para as «estrelas» que se submetem aos imperiosos mandamentos do instinto da procriação.

Querem exemplos? Podem citar-se muitos. Glenda Farrell trabalhava no ano passado em dois filmes simultaneamente quando seu filho adoeceu gravemente em Palm Springs. Durante semanas, a criança esteve entre a vida e a morte. Glenda aproveitava todos os momentos livres para correr para junto do doente. Por vezes percorria a grande distância que vai do estúdio a Palm Springs para só se demorar ali escassos minutos. Mas os contratos têm exigências que não se compadecem destas torturas morais. Abandonar o trabalho seria a ruína momentânea para Glenda, que ficaria assim impossibilitada de proporcionar à seu filho os dispendiosos cuidados que o seu grave estado reclamava. Avaliem se portanto as inquietações que a atormentavam enquanto ria ou brincava segundo as exigências do filme.

Ter filhos representa, pois, um pesado sacrifício para as mulheres que escolherem uma carreira artística tão absorvente como a do cinema. Mas nem por isso elas desistem de desempenhar a mais nobre missão feminina e quasi todos reclamam com orgulho o seu direito a esse sacrifício que lhes garante um lugar na vida comum, com todas as suas belezas e misérias.

O nascimento dum filho traz sempre como

consequência a interrupção do trabalho da «estrela», durante um período mais ou menos longo. Daí derivam prejuízos consideráveis, tanto para a artista como para a empresa. Os norte-americanos, com a sua paixão pelo rigor frio das estatísticas, avaliaram já que um filho pode custar a uma «estrela» de primeira categoria, cujos serviços são muito solicitados, entre 50 a 100 mil dólares.

Norma Shearer, por exemplo, que espera para breve o seu segundo filho, suspendeu, já os trabalhos de filmagem de «Maria Antonieta» uma luxuosa produção da «Metro». Esta interrupção, que durará muitas semanas, representa um prejuízo real. Verdade seja que ambas as partes interessadas o suportam com boa-vontade: Norma porque se consagra com amor ao seu papel de mãe; e a empresa porque o pai da criança é Irving Thalberg, um dos mais poderosos magnatas da indústria cinematográfica. Digas-se de passagem que Norma põe grande empenho em que desta vez nasça uma menina. Os esposos Thalberg são já pais dum garoto e veriam com satisfação formar-se um casal.

Norma é considerada pelo que privam com ela como uma mãe modelar. Quando lhe nasceu



Glória Swanson

o primeiro filho esteve um ano afastado do estúdio para se consagrar à sua criação. Durante esse tempo, a simpática artista incorreu no risco de ser esquecida pelo público. Mas Norma entende que a sua carreira pode esperar e insiste em não sacrificar as mais doces alegrias da existência a essa cousa tão fútil que é a glória.

Na educação do pequeno Thalberg, Norma mostra-se particularmente rigorosa e sensata.



A grande actriz Helen Hayes

A despeito da enorme fortuna dos pais, a criança não é cumulada de mimos, como a tantas sucede com manifesto prejuízo para a sua vida ulterior. Não lhe é consentido demorar-se no estúdio nem assistir à filmagem de qualquer cena. Além disso, Norma opõe-se terminantemente a que lhe sejam tiradas fotografias para publicação nem o leva a locais públicos onde possa ser reconhecida. A bela artista não ignora quantos malefícios a vaidade pode produzir num pequenino espírito em formação.

São deste género algumas das graves preocupações morais que enchem o espírito dessas mulheres que se nos afiguram no «écran» tão despreocupadas. Mas outras inquietações as atormentam e uma delas, como atrás dissemos, é o receio dos «gangsters».

O filho duma actriz de cinema, cuja mãe está em condições de pagar um pesado resgate, não pode circular livremente como qualquer garoto da sua idade. Em casa as jane-



Norma Shearer e seu marido

las dos seus aposentos estão muitas vezes guardadas com fortes barras de ferro. Se vai à escola segue-o a pouca distância um guarda fortemente armado. E nem mesmo assim o perigo se encontra totalmente eliminado, de modo que no coração das pobres mães nunca chega a haver sossego completo.

Ann Harding, por exemplo, após ter recebido cartas ameaçadoras, viu-se forçada a tomar as maiores precauções. Sua filha Jane passou a ser objecto duma vigilância especial. Dia e noite a sua residência sumptuosa, edificada no alto duma das colinas que circundam Hollywood, era guardada por um grupo de homens decididos. Perto do quarto de Jane havia ainda um feroz cão-policia, de que nenhum desconhecido se poderia aproximar sem grave risco. Jane tem hoje seis anos e vai à escola acompanhada por um guarda, pronto a jogar a vida se alguém tentasse pôr em prática designios criminosos.

Outras artistas preferem não se separar dos filhos, mesmo durante as horas de trabalho, a fim de exercerem sobre êles a sua vigilância pessoal. Marlène Dietrich pertence a esse número. Sua filha Maria acompanha-a quasi constantemente. Esta prova de carinho maternal não é, contudo, isenta de inconvenientes. O estúdio não é por certo o local mais apropriado para uma criança, em quem começam a despertar todas as curiosidades, nem é tão pouco aconselhável despertar em torno dela a atenção do público. Mas sobre este ponto de vista, Marlène tem ideias bastante diversas das de Norma Shearer. Tanto assim que insistiu e obteve que um papel infantil dum dos seus últimos filmes fôsse atribuído a sua filha.

Uma das actrizes que se torna mais difícil conceber como mãe exemplar é Glória Swanson. A sua vida agitada, os seus ruidosos divórcios, tudo contribui para no-la representar sob um aspecto oposto. Contudo Hollywood considera-a uma das mães mais dedicadas e a educação dos seus filhos é apontada como exemplo. Toda a vida dessa mulher, que muitos julgam caprichosa, se condensa em torno dos três filhos que são duas raparigas, Glória e Michelle Bridget, respectivamente de quinze e dois anos e meio, e um rapaz, Joseph, de doze anos de idade.



A invenção moderna que mais interessa o público, é sem dúvida o cinema, sobretudo depois que é sonoro e tão bem nos dá a ilusão da vida real.

O cinema é a distração favorita de todo o mundo, mas é sobretudo aquela que mais interessa a mocidade de hoje. Pode dizer-se que não há vida que não tenha um cinema, porque o há sempre nas proximidades, se não propriamente no povoado, e pode dizer-se que só os habitantes das serranias ainda não viram cinema.

É muito para discutir a influência que o cinema tem tido na formação moral das gerações, e, é portanto este um assunto que interessa essencialmente a mulher, como mãe e como educadora.

Até aqui a influência do cinema não tem sido das melhores, antes poderemos dizer que tem exercido um perigoso accedente nas almas jovens.

As fitas de bandidos, aquelas em que equivocados romances desenrolam cenas dum realismo repugnante, têm sido nocivas a muito cérebro juvenil que como cera maleável espera o molde que o ha-de marcar.

Muitas raparigas novas têm o ideal de se parecer com as estrelas de cinema e de aí a profusão de raparigas em attitudes, à Jean Harlow, à Clara Bow, a Joan Crawford, sem falarmos nas mulheres fatais à Greta Garbo e à Marlène Dietrich.

Mas como tudo isto se poderia mudar tornando o cinema educativo. A igreja já soultou o grito de alarme e lançou a ideia, compete agora aos governos aproveitá-la e aos chefes de família, onde impera uma sã moral auxiliá-la.

Organizar "matinées", com fitas educativas, com documentários que fizessem a criança, e mesmo as adolescentes tomarem conhecimento com o mundo inteiro, fitas que divertissem a gente nova e que mesmo para os adultos fossem instrutivos e em que acabassem esses mostruários do que há de mais baixo na humanidade. Até agora tem havido uma falta de critério extraordinário na escolha das fitas para "matinées". Nunca esquecerei uma matinée a que assisti aqui há anos dedicada às crianças, com uma fita muda, em que a certa altura algumas senhoras saíram e as que o não fizeram por medo de parecer "bota de elástico, estavam profundamente vexadas."

Que pensariam as crianças de semelhante fita? A maioria não comprehendem, mas há espirotas precoces em que alguma coisa do que viram deve ter ficado, germinando com a força com que o fazem as más sementes.

O cinema educativo como já em Itália o fazem é um dos mais belos instrumentos modernos de educação, como o cinema de escândalo tem sido o melhor corruptor da mocidade moderna. As mães que verdadeiramente zelam a

educação moral de suas filhas, devem apoiar esta nova cruzada da moralização da sociedade. Informar-se do que são as fitas e não levar os seus filhos, senão a espectáculo que lhes sejam verdadeiramente úteis, e não prejudiquem a sua concepção do bem.

Que importa que uma mãe incute aos seus filhos os melhores princípios de moral, se em seguida os leva a ver espectáculos em que aprendem a intrujar, a roubar, e, toda a sorte de desonestidade. Não serão os seus conselhos que conseguirão vencer a impressão causada pelo espectáculo que de baixo do mais atraente aspecto lhes faz conhecer tanta maldade.

Pensar só apenas que sua mãe é uma pessoa antiga e atrasada e os conselhos serão ouvidos sem a menor atenção.

É pois necessário que todas as que se inte-



PÁGINA DAS FEMININAS

ressam por uma nova geração moral e de elevados sentimentos se unam para uma completa e perfeita realização do cinema educativo. É a mulher como mãe, como educadora tem a mais estricte obrigação de pugnar por esta obra de tão grande alcance.

O melhor invento, como distração, que se fez, tem de ser utilizado para o aperfeiçoamento moral e artístico da humanidade.

Maria de Eça.

A moda

Em pleno verão a moda traz-nos as mais garbadas novidades, para a estação. É nesta época de férias, em agosto, que as elegantes começam as suas vilegiaturas de praia. Agosto é o mês elegante de Juan-les-Pins, do Lido, de Venezia, de Deauville, e das nossas praias da Costa, a-pesar-de que entre nós o mês de setembro é sempre o preferido para as praias. O nosso clima temperado permite-nos prolongar a época balnear.

No entanto é já tempo de pensar nas «toilettes» que há-de tornar mais belas as nossas elegantes e fazer com que os Estoril e as praias da Costa de Portugal nada tenham a invejar em elegância às praias estrangeiras de maior fama.

Para os passeios de barco e para «yachting» que começa a ter grande voga temos duas lindas «toilettes» ambas de afamados mestres da alta costura parisiense.

Um é um elegantíssimo modelo de Jean Patou. Tudo o que há de mais apropriado para este desporto. Em linho, esse tecido tão próprio e tão prático para estes vestidos simples, que se lava e engoma com a maior facilidade.

Em linho «grège» e linho xadrez «grège» e branco é uma «toilette» elegantíssima. O linho «grège» e branco, forma uma graciosa capa presa nos ombros, cinto em camurça castanha, chapéu em palha guarnecido com uma fitinha em «ros grain» castanho que dá um gracioso lacinho na frente, sapatos em camurça branca.

Louiseboulanger apresenta um vestido em linho «grège gaulois», saia e casaco, que se usa sobre uma blusa de linho amarelo vivo. O casaco não é abotoado e fecha cruzando e apertando com um cinto em polimento castanho. Canotier em linho «grège», guarnecido com uma fita de dois tons «grège» e castanho. Sapatos em tecido de linho «grège».

Os chapéus deste ano são encantadores e favorecem imensamente as senhoras, especialmente as raparigas novas e frescas, para quem foram muito especialmente criados. Damos hoje uma gravura dum desses lindos chapéus, que dão às mulheres um aspecto de primavera ou de aguaral inglesa.

Uma enorme aba em palha «Leghorn» o que antigamente quando muito se usaram estas «capelines», era conchuda por palha de Itália. A copa é em veludo verde pálido e um vez do mesmo veludo guarnecido em volta da copa. Um ramo de flores, rosas e rainúnculos, guarnece-o encantadamente. Este género de chapéus tão feminino e gentil, torna as mulheres encantadoras emoldurando-lhes o rosto e fazendo-as mais belas.

Mais do que nunca é preciso tratar do penteado. As noites de casino exigem um cuidado especial com a cabeleira, que sofre sempre um pouco com as vilegiaturas.

O modelo de penteado que damos hoje é deliciosamente juvenil e tem a vantagem de ficar bem a todas as senhoras.

As cabeças «ebouiffées» já não estão no rigor da moda. Agora o penteado é mais acomodado como podem ver. Os cabelos apenas ondulados cobrem ligeiramente o alto da orelha sem avançar para a cara. Uma franja encaracolada adocça a expressão do rosto, os cabelos separados por uma risca enrolam-se graciosamente à direita.

O pescoço completamente livre, os cabelos sobem para a nuca em madeixas enroladas. É dum grande distincão este penteado. Lindos brinços modernos enfeitam as orelhas descobertas.

Para Casino uma deslumbrante «toilette» em

«taffetas» azul pálido tom de hortensia, a cauda é guarnecida com uma «ruche» formando roseas, que dá ao vestido um cunho muito especial.

A capa que o acompanha é graciosíssima, em tule do mesmo tom, é toda semeada de malmequeres em veludo branco e a gola é uma «ruche» de «taffetas» igual à da cauda. Nada se pode desejar de mais elegante e «chic» num vestido moderno.

O penteado merece uma ligeira referência com as suas «boucles plattes» na testa e na nuca, mas apresentando a mesma linha de «coiffure serrée» tão em voga.

A côr

A côr volta a favorecer-nos em tudo, e a dar à vida esse tom de alegria que tão precioso lhe é. Depois duma época sombria em que se usavam só cores escuras no vestuário e na ornamentação das casas, temos agora a maior luminosidade. As cidades deixaram de ter esse aspecto de luto que, verão e inverno, lhe davam as «toilettes» escuras das mulheres. Hoje os vestidos frescos, os chapéus floridos iluminam com as suas cores alegres as ruas das cidades.

No mobiliário nota-se também essa tendência para as cores alegres. Os «divans», em damasco, em veludo, em setim, têm os mais lindos tons do vermelho, do amarelo, do verde e do azul, e, sobre o azul, a moda decreta as grandes almofadas em setim branco, sem guarnição apenas como «capitoné» ao centro um grande botão do mesmo setim. Como elegância requintada nada de mais belo se pode exigir.

Higiene e beleza

As manchas vermelhas na pele são muito frequentes nas mulheres loiras, devem-se a um desarranjo na pigmentação, accentuado pelo ar quente e os raios solares e oferecem grande



Alida: Não faltam em Lisboa «tennis» onde pode fazer a sua aprendizagem. É uma questão de se fazer sócia. Tem razão em querer aprender este desporto. É muito próprio para uma senhora e muito útil para a saúde.

Gaby: Cuidado com essa fantasia, começa-se brincando e depois passa a sério. Se sua mãe não mostra boa vontade é porque tem as suas razões. Aconselhe-se com ela e obedeça aos seus conselhos.

Vaidosa: É sempre feio vê-lo, ainda que haja motivos, mas esse desejo de agradar é natural numa noiva e não quer dizer vaidade. Faça o vestido em cinzento com o chapéu numa côr viva azul «roi» ou vermelho segundo o seu tipo. Para oferecer ao seu noivo se ele fura uma bonita cigarreira em ouro mate e acendedor igual.

Crisólida: Tomar banhos de mar é considerado um tónico, um desporto, uma distração, uma coisa agradável, mas, esse diploma de «chic» que lhe dá é que é para mim uma coisa nova. Mas se gosta e o seu médico não se opõe tome os banhos, é uma agradável distração.

resistência quando se trata de as combater com as loções de lírios, tão preconizadas como inúteis. Os unicos productos que dão resultado são os ácidos, medicamentos irritantes que renovam a pele.

Uma loção que as epidermes delicadas suportam é a seguinte: Cloreto de soda, 3 grammas; borato de soda, 2 gr.; glicerina, 30 gr.; água de rosas, 170 gr.; alcool, 10 gr.; essência de rosas, 10 gr.

Para as peles mais resistentes há uma receita mais eficaz: Sublimado, 0,30 de grama; cloreto de amoníaco, 0,30 de gr.; salol, 0,10 de gr.; essência de gerânio, 10 gotas; alcool a 90°, 10 gr.

Não dando resultado experimentar a electricidade.

As pessoas dadas a estas manchas devem, no caso de tomar banhos de sol, proteger a cara com um bom creme ou pomada de tutano, que ainda é melhor.

De mulher para mulher

Violeta: Esses tecidos leves usam-se sempre nos vestidos de verão e nada há que mais favoreça as raparigas. O branco é sempre a côr mais bonita e presta-se melhor a ser lavada. Procure livros que a instrua e como não gosta de romances, leia livros de viagens que são sempre úteis. Tem «Mes voyages en Méditerranée» de Claude Farrère, os livros de Pierre Loti e «Santuarios de Montanha» de Gomes Teixeira e «A Casa Alheia» de Maria Portugal Dias. Isto para começar.

Mãe cuidadosa: Faça aos seus bebês vestidos leves em cambraia e «organdi», nada há mais encantador para as crianças, que ficam umas verdadeiras bonecas, com esses trajos tão frescos. Deixe-as correr e brincar ao ar livre, nada lhes pode ser mais útil.

Mariluz: Felicito-a pela simpática vilegiatura, que vai fazer na sua casa da provincia. Aproveite-a bem, penetre-se do encanto dessa vida naturalmente um pouco monótona, mas de descanso. Interesse-se pelo que a rodeia e descanse verdadeiramente estes meses para voltar repousada e cheia de energia para a vida cittadina de Lisboa.

Receitas de cosinha

Sopa canadiana: 1,9 Fazer-se côrar, em manteiga, uma cenoura pequena e uma cebola cortada em pedacos, o melhor é às rodas, e junta-se-lhe 1 quilo de tomates bem maduros e esmagados, para se lhes aproveitar todo o sumo; 2 dentes de alho, um ramo de salsa, um pouco de tomilho e duas folhas de louro, 12 grammas de sal, e 15 gr. de açúcar.

Deixá-se desfazer bem o tomate em lume brando (1 a 2 horas). Passa-se depois por um passador e aumenta-se o puré com 1/2 dum litro de leite quente; retoma a sua fervura e depois juntam-se-lhe duas colheres de farinha de milho desfeita num copo de leite frio. Deixa-se ferver de vagar durante um quarto de hora, 2.º Tira-se a pele e espremem-se dois tomates que sejam um pouco duros; corta-se a polpa em pequenos quadrados e côram-se em 30 grammas de manteiga, uma pitada de sal e outra de açúcar, mas não se deixa chegar a puré, fritam-se quadrinhos de pão. Deita-se 75 grammas de manteiga, o pão e o tomate e por cima a sopa já feita.

Pensamentos

Os que têm aspirações trabalham sempre para adquirir conhecimentos. — Goethe

A felicidade é tudo, e nada é a glória. — Goethe

Nada mais perigoso que um amigo ignorante, é melhor um inimigo sábio. — La Fontaine



DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.^a ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Moossilábico, de Miguel Caminha.

APURAMENTOS

N.º 30

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

BRAZ CADUNHA

N.º 29

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

MICLES DE TRICLES

N.º 30

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 25, de Veiga.

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 31 pontos:

Alfa-Romeo, Frá-Diávo-lo, Cantente & C.^a, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Fan.

QUADRO DE MÉRITO

Ti-Beado, 29. — Salustiano, 28. — Rei-Luso, 28. — Só-Na-Fer, 28. — Só Lemos, 28. — Magnate, 28. — Kábula, 28. — Sonhador, 25. — João Tavares Pereira, 23. — Silva Lima, 18.

OUTROS DECIFRADORES

Lamas & Silva, 15. Salustiano, 15. D. Dina, 15. Lisbon Syl, 13. — Aldeão, 12.

DECIFRAÇÕES

1 — Tempe-pera-têmpera. 2 — Pira-rata-pirata. 3 — Lena. 4 — Bandoria. 5 — Tapa-olhos. 6 — Tira-que-tira. 7 — Eivado. 8 — Maloio. 9 — Javali. 10 — Troca-tintas. 11 — Martelar. 12 — Jocososo. 13 — Sopão. 14 — Fastoso. 15 — Esfola-vaca. 16 — Tarasca-taca. 17 — Canecos-cacos. 18 — Lamego-lago. 19 — Capeta-cata. 20 — Pelega-pegá. 21 — Rafeiro-raro. 22 — Caminho-Canho. 23 — Jogata-jota. 24 — Gosmento-gôsto. 25 — Fagundo-fado. 26 — Magnate-mate. 27 — Caneta-cata. 28 — Cortiço-corço. 29 — Altanada. 30 — Graúdo-grado. 36 — Vista faz fé.

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICAS

1) Irrá! Já não tem «importância» a minha estima? (2-2) 3.

Lisboa

Dama Negra

2) Quando morreres o cortejo fúnebre subirá o «rio» com um lindo acompanhamento... (2-2) 3.

Maíra

Deka

3) Essa fonte! Então não sou merecedor nem digno dum beijo? (2-2) 3.

Leiria

Pobre Marreco

4) *A roda de* uma «seita» encontra-se sempre um homem hábil. (2-2) 3.

Luanda

Ti-Beado

NOVÍSSIMAS

5) A «medida chinesa» que me deu aquele «homem» tenho-a escondida no «fôrro» do teto. 1-2.

Leiria

magnate

(«A Rosa do Adro»...)

6) Será preciso um requerimento — não escar-

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 39

neca, minha senhora — para lhe beijar a face? 2-2.

Biscaia, Alb-a-Velha

Olegna

7) A «mulher» arma sempre enredo ao «homem». 3-1.

Setúbal

Rogério Gomes C. Correia

8) Enérgico soldado! Fizera calar toda a assistência, onde só havia furor. 3-1.

Lisboa

Só Darco Júnior

SINCOPADAS

9) É tonto, tem desequilíbrio mental. 3-2.

Lisboa

Aço (T. E.)

10) Nem sempre se alcança boa fama por mais que se lute. 3-2.

Ponta Delgada

Jobema (... e T. E.)

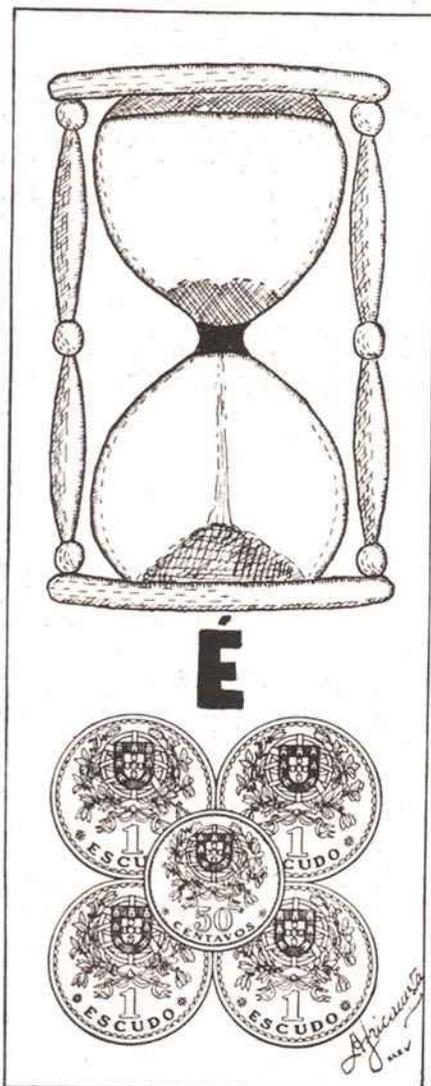
11) A Lua foi descoberta por uma «mulher». 3-2.

Lisboa

Júlio César

TRABALHOS DESENHADOS

19) ENIGMA FIGURADO



TRABALHOS EM VERSO

ENIGMA

12) Do fruto tira a semente
E põe o mesmo a secar,
Mas só dois meses apenas
Que é p'ra ter bom paladar.

Lisboa

Augusta Vitória

LOGOGRIFO

Para os totalistas decifrem)

13) Não sou «homem» p'ra charadas. 1-8-5-4-8.
Mas então o que hei-de fazer?...
Prefiro antes uma «mulher» 7-5-2-6-5.
Quando me quero entreter.

Não me «rio» (!) da minha sorte. 3-2-6-2.

Pois só digo calinadas,

E repito novamente:

Não sou «homem» p'ra charadas.

Lisboa

Veiga (T. E. L.)

NOVÍSSIMAS

(Aos camilhanistas)

14) «Amigos, cento e dez ou talvez mais»
Constantemente em torno de mim via!
É já «a» mesa minha os conhecia — 1.
Como convivas certos, pontuais!

Ao vê-los dia a dia — os comensais
Que eu sempre de bom grado recebia —
Cuidava que «a» ventura consistia — 1.
Em possuir amigos tão leais!

Um dia a sorte alou: empobreceira.
Dos cento e dez amigos que tivera
Um me ficou: — brincáramos garotos.

Enquanto aos outros, com sorrir refece.
Diziam: — «já não tem... isso acontece...»
«Que cento e nove impávidos marotos!»

Silva Pôrto-Bié

Efonsa

15) Na ermida, o sino repica. — 2.
Vai-se o Sol com seu fulgor.

E o monte deserto fica,
Sem gado, sem um pastor.

Murmura a água da bica,
Canta ao longe o meu amor,
Cujas cantigas dedica
A uns olhos de verde côr! ..

Sinto a dor chegar então — 1.
Ao meu pobre coração,
Comovido, de criança..

Pois não têm os olhos meus
A côr do trevo, meu Deus,
Não são verdes como a esperança?

Biscaia, Alb-a-Velha

Olegna

16) Ai bate, bate — 2

A roupa com sabão...
Não há pena que me mate, — 1
Lá isso não!
Este fato após lavado
Na perfeição
Fica tão esburacado
Que não mais será «usado»...

Lisboa

Raku

SINCOPADAS

17) O justo é que se diga,
Em abono da verdade,
Sem vaidade nem cantiga,
Que possuo habilidade. — 3-2.

Leiria

Pobre Marreco

18) Oh Deus todo poderoso
Dá-me o teu consentimento:
O meu noivo é tão bondoso!
Faz o nosso casamento. 3-2.

Caldas da Rainha

Rei Pavor

(!) do Ceará.

Toda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUÍZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da Ilustração, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

Arnaldo Ressano



SAIU, finalmente, o anunciado «Álbum de caricaturas», de Arnaldo Ressano que se evidenciou no nosso meio artístico como um caricaturista de primeira grandeza. Nesse magnífico livro, prefaciado pelo escritor Rocha Martins, aparecem os setenta formidáveis trabalhos que o artista expôs há tempos, com tanto êxito, na Sociedade Nacional de Belas Artes. Encerra-se ali a obra dum grande psicólogo que, além dessa rara qualidade, possui a do talento de exprimir-se com a maior fidelidade, focando os seus tipos em flagrante.

Alice Ogando



MAIS uma vez Alice Ogando! Pelo visto esta nossa querida escritora deu ao seu talento a trajetória das peças em pleno êxito: hoje e sempre Alice Ogando. Ainda mal tínhamos feito umas linhas sobre a «Pena maior» da fecundíssima escritora, apareceram o romance «O amor dos outros». Nem tivemos tempo de o ler... Mas, pelas obras anteriores que a consagraram e tornaram querida de todos os leitores de bom gosto, esta não deve ser inferior.

Senhora D. Alice Ogando, pelo amor de Deus dê nos tempo, ao menos, para ler os seus livros, caso contrário seremos obrigados a confessar as nossas poucas forças para acompanhá-la: a Senhora a escrever e nós a ler.

FIGURAS E FACTOS

Excursão de Médicos Hidrologistas



UM grupo de médicos hidrologistas foi de excursão às principais termas do país. Em toda a parte lhes foi dispensado um afectuoso acolhimento. A gravura mostra os excursionistas à porta das termas do Estoril que lhes deixou as melhores impressões. Felizmente vamos sendo conhecidos.

Colisão de barcos no Tejo



No dia 24 do corrente a canhoneira «Lagos» abalroou no Tejo com o rebocador «Almada» que foi a pique. Os tripulantes desta embarcação puderam salvar-se à excepção de Manuel Pinto que morreu afogado. A nossa gravura representa os pobres naufragos após o salvamento.

Lança-minas norueguês «Olav Tryggvason»



A passagem pelo porto de Lisboa do navio de guerra norueguês «Olav Tryggvason» deu lugar a várias manifestações de amizade entre o nosso país e a Noruega. Uma delas foi o almoço que o Grémio dos Importadores Armazenistas de Mercadoria ofereceu à oficialidade daquele lança minas no salão de mesa do «Estoril Palácio Hotel». Presidiu o sr. João Pires Rodrigues, presidente da direcção do Grémio, que tinha a seu lado os srs. ministros da Noruega e comandante do lança-minas. Assistiram grande número de importadores de bacalhau, de Lisboa e os do Porto estavam representados pelo sr. António Nunes de Sousa. Também estavam representados os núcleos do Grémio. Ao brinde, falou, em primeiro lugar, o sr. António Pires Rodrigues que saudou o Rei da Noruega e os representantes daquele país, e que pôs em relevo a importância comercial das boas relações existentes entre as duas nações. Terminou por saudar a imprensa e erguer «vivas» à Noruega. Falou, a seguir, o comandante do «Olav Tryggvason», que agradeceu as referências à Armada do seu país e se referiu à importância da nossa moderna Marinha de Guerra e ao seu crescente desenvolvimento. Falaram ainda os srs.: ministro da Noruega que dirigiu as suas saudações aos srs. Presidente da República e ministro do Comércio; Pedro Maria de Fonseca, e Sebastião Barroso e tenente-coronel Carvalho Teixeira. Todos estes oradores apreciaram as relações comerciais entre Portugal e a Noruega, a importância que elas têm na vida económica das duas nações e a necessidade do seu estreitamento. Por último, voltou a falar o comandante do lança-minas que agradeceu as referências feitas ao seu país e enalteceu o progresso do nosso.

Gomes de Brito



A Livraria Sá da Costa acaba de concluir a obra do erudito investigador J. J. Gomes de Brito, publicando o 3.º e último volume das «Ruas de Lisboa» que o dr. António Baião, illustre director do Arquivo da Torre do Tombo reviu e prefaciou. Esta obra pode ser considerada um complemento à «Lisboa Antiga» de Júlio de Castilho, e ponto de partida para muitas investigações que Gomes de Brito deixou já desbravadas. Trata-se, pois, dum livro indispensável em todas as estantes e que todos os estudiosos devem consultar em qualquer dúvida que lhe surja sobre a Lisboa de outros tempos e seus mistérios que estão apaixonando mais do que nunca.

Raúl Esteves dos Santos



RAÚL ESTEVES DOS SANTOS, autor de vários livros em que patenteou a sua inteligência e se tornou o cronista desejado de «A Voz do Operário», acaba de publicar um interessante estudo sobre «O poeta Xavier de Paiva» que intitulou «Figuras esquecidas». Nessas páginas passa a figura dêsse visionário algarvio que morreu de miséria há meio século, num catre de hospital, quando começavam a florir as primeiras amendoieiras do seu torrão natal sempre encantador.



A equipa do Sporting vencedora da prova de tripla-jornada de 1000 metros para depois da taça Serra e Moura. Da esq. para a dir.: Neves Garvalho, Carlos Antero e Mendes

patentes que em má hora assaltaram os postos associativos destruíram o que estava feito e foram-se embora depois, alguns críticos que poderiam formar a opinião perderam-se no elogio aos meninos bonitos de sua preferência. E no fim de tudo isto, os progressos estagnaram, o número de participantes reduziu-se e o público desapareceu.

A severidade do quadro apresentado refere-se mais a Lisboa do que ao Porto, onde o Académico, mercê da sua pista própria e do persistente esforço dos orientadores da secção, marcou uma superioridade apreciável e deu provas de actividade interessante.

As marcas dos campeões portuenses surpreendem-nos em tanto e carecem, algumas, de confirmação; os 10 s. $\frac{2}{5}$ aos 100 m. e os 22 s. $\frac{2}{5}$ aos 200 m. de Mário Porto e, mais ainda os tempos atribuídos aos imediatamente classificados nesta última corrida, vão muito além das suas habituais capacidades, demonstrando uma extraordinária subida de forma, — com a qual muito nos regozijariamos, — ou a intervenção de qualquer factor estranho. O futuro nos esclarecerá.

Curiosa, também, é a revelação em velocidade prolongada do corredor de meio fundo Ferrara, cujos 400 m. em 53 s. $\frac{2}{5}$ são do melhor augúrio; a referir ainda os 16 s. $\frac{2}{5}$ de Monteiro Martins nos 110 metros barreiras, os 6m.47 em comprimento por Lima Marques e os 49m.54 de António Cadete no lançamento do dardo, uma vez mais rondando o record nacional que bem compensaria a sua persistência.

Em Lisboa foram dois atletas já consagrados aqueles que conseguiram melhor resultado: Palhares Costa, igualando por duas vezes os 16 s. do seu record nacional dos 110 m. barreiras, e Guilherme Vasconcelos Correia alcançando no triplo-salto 13m.41 e ficando a dois escassos centímetros do record de Acácio Mesquita.

Finalmente, e como nota

O belga Romain Maës, vencedor da Volta a França em bicicleta, recebendo um beijo de Mário Porto, à sua passagem por Lisboa

sas excepções, consideram o atletismo como um valor secundário, os dirigentes vaidosos e incom-

A QUINZENA ESPORTIVA

favorável a assinalar a época, registámos o aparecimento de dois novos lançadores do peso, um em cada cidade, que sucessivamente melhoraram a record nacional da categoria.

Emídio Ruivo, um discípulo de José Garnel, alcançou na sua apresentação 13m.74, e quinze dias depois 14m.03, superando em dezesseis centímetros o record do lançamento da esfera de cinco quilos.

A 14 de Agosto o portuense Peixoto Correia, outro estreante, atingia numa tentativa especial 14m.14, mas apenas uma semana conservou o seu título pois no domingo seguinte o mesmo Emídio Ruivo, que conta apenas dezoito anos, decidia em definitivo o duelo a seu favor com a bonita distância de 14m.85.

No nosso país, tão pobre sempre em lançadores o despotar destas duas novas estrelas chega no momento oportuno e promete-nos, para breve, resultados interessantes.

Está anunciada a VI Volta a Portugal em bicicleta, a prova de maior envergadura do desporto português, aquela que consegue arrastar nas suas peripécias a atenção do país inteiro, criando popula-ridades, elevando ídolos.

Dentro de três semanas, numa manhã doirada de sol, uma meia centena de

ciclistas seleccionados entre os melhores portugueses, seguirá de abalada pelas estradas da maravilhosa terra lusitana, de jornada em jornada, levando de provincia em provincia, um pouco de alegria, de entusiasmo, de vida.

Acompanhar a Volta a Portugal é um espectáculo precioso e uma lição proveitosa: admira-se o esforço e a luta dos homens, contempla-se o desenrolar dos panoramas sempre vários das regiões percorridas; e aprende-se a conhecer a bondade hospitaleira da nossa gente, a formosura inigualável da nossa Pátria.

Ainda que outros serviços não prestassem com a sua iniciativa, os organizadores são dignos de reconhecimento pela obra de turismo que promovem e pelo serviço que prestam a tantos portugueses levando-os a conhecer a sua terra, que a maioria ignora.

É cedo ainda para formular quaisquer prognósticos sobre o encadeamento da prova, que este ano apresenta a novidade de dois percursos contra relógio, de Montemor a Evora e do Porto a Ovar, e da criação dum Prémio da Montanha destinado a compensar o melhor escalador do pelotão e que será disputado nas cinco mais ásperas serras do itinerário.

O duelo Trindade-Nicolau, que constituiu o grande atrativo das últimas Voltas não nos parece dever renovar-se este ano, apesar da presença certas dos dois campeões entre os inscritos; mas o tempo é implacável na sua marcha e a vontade dos novos deve, talvez, superar a experiência e a classe dos consagrados. Se tivéssemos que indicar um favorito, reconhecendo embora o valor e as probabilidades de êxito dum Trindade ou dum Ezequiel, iríamos escolhê-lo entre a falange dos cadetes ambiciosos de conquistar a promoção a ases; Marques, Felipe de Melo, Cabrita Mealha, Ildefonso Rodrigues, figuram entre os mais dignos da nossa confiança.

Esperemos um mês, e os factos nos dirão de que lado está a verdade.

Enquanto se prepara a Volta a Portugal, segue já no troço final a célebre Volta a França que não conhece rival no mundo.

A prova deste ano tem sido extraordinariamente severa e disputada com um ardor que a rivalidade incerta das equipas nacionais pôde, talvez, justificar. Para demonstrá-lo basta a seguinte indicação.

Ha um ano, em Nice, Antonin Magne, primeiro da classificação geral, tinha coberto 2049 quilómetros em 68 h. 23 m. 5 s., o que representa uma média horária de 29,261 quilóm.

Este ano no mesmo ponto da Volta, o "leader" Romain Maës cobriu mais 27 quilóm. em 64 h. 44 m. 28. s., à média de 32,066 quilóm.; mais interessante é que o tempo do último classificado, o alemão Kutsbach, ligeiramente superior ao de Magne em 1934, pois se cifra em 68 h. 56 m. 19 s., corresponde a melhor média (30,116 quilóm.) pelo aumento acima indicado de percurso.

Estes números indicam claramente a severidade da luta, cuja primeira origem é a presença dum belga à cabeça da classificação; os franceses têm procurado desalojá-lo em ataques sucessivos, no que foram imitados pelos italianos desde o dia em que um desastre lamentável (um desastre que pode ser colocado em paralelo com aquele que ha um ano afastou Trindade da nossa Volta) forçou ao abandono o favorito Antonin Magne.

Depois de peripécias várias, surgiu como quasi segura a ascensão do francês Speicher ao posto ocu-



José Garnel, campeão nacional de lançamento de peso, e o seu discípulo Emídio Ruivo, que há pouco recentemente o record nacional da categoria dos juniores

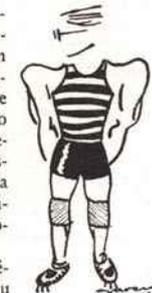
pado desde Paris pelo belga Romain Maës, mas as etapas dos Pirineus foram desastrosas para os franceses, levando três belgas para os três primeiros lugares da classificação donde nada parece poder arrancá-los, salvo qualquer desastre que não seria surpresa numa prova tão fértil em accidentes. Nunca se verificaram, nas Voltas precedentes, tantas quedas graves e pela primeira vez na história da prova um corredor morreu em consequência de desastre em corrida.

A vítima foi o hespanhol Cepeda, que ha dois anos conhecemos no circuito de Pontevedra, onde se mostrava excelente camarada dos portugueses e um dos mais simpáticos competidores. Recordamos-lhe ouvido referências às duas Voltas a França em que tomara parte, na segunda das quais fôra forçado a desistir logo na primeira etapa, e manifestar a sua ambição de uma vez mais ser admitido à grande competição.

Salazar Carreira



Guilherme Vasconcelos, que ultimamente tem registado grandes progressos



José Palhares Costa que acaba de igualar o record nacional de corridas de barreiras

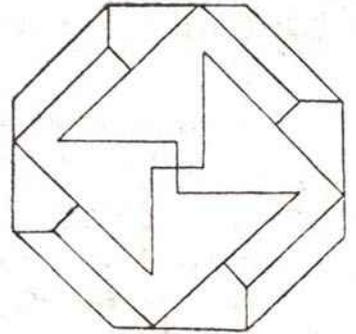
Palavras cruzadas

l	ú	s	i	a	d	a	s	l
■	m	a	r	i	a	■	a	s
a	■	f	a	d	o	■	p	a
b	r	a	s	a	■	b	a	l
s	o	■	■	■	t	i	t	o
t	r	a	m	a	■	s	e	m
o	■	s	e	n	a	■	i	a
■	j	a	c	o	b	■	r	o
a	t	r	a	s	a	d	o	■



Um jogo de paciência

(Solução)



A figura representa o octógono a que se chega, colocando convenientemente e da forma nela indicada as doze peças, quatro de cada feitio, com que segundo as condições, era preciso construí-lo.

Bridge

(Problema)

Espadas — 8.
Copas — 10, 7.
Ouros — R., 7.
Paus — 4, 2.

Espadas — V., 7, 5. **N** Espadas — R., 9.
Copas — 8, 5. **O** Copas — 6.
Ouros — A., 4. **E** Ouros — D., 6, 5.
Paus — ————, **S** Paus — A.

Espadas — A., D., 3.
Copas — 4, 2.
Ouros — ————.
Paus — 5, 3.

Trunfo é copas. Joga S e faz seis vasas.

(Solução do número anterior)

S joga o Az de paus e N balda-se ao Az de espadas.

S joga o 7 de espadas. O ou entra de Rei de espadas que N cortará de Az de copas ou deixa correr, baldando-se N ao 2 de ouros.

No primeiro caso N joga o 2 de copas; no segundo caso balda-se ao 2 de ouros. Em qualquer dos casos N quando tem a mão joga 2 de copas fazendo a vasa S com o 9 de copas, jogando em seguida, as duas ou uma carta de espadas firmes, baldando-se N a ouros. E é obrigado a baldar-se ao Rei de paus que é firme ou a secar o Rei de ouros.

No 1.º caso S joga o 2 de paus e depois a Dama de ouros; no 2.º caso, S joga a Dama de ouros fazendo N o Az e o 9 de ouros.

As côres das doenças

No novo hospital de Beaujon, em Clichy (França) cada andar tem uma côr: as paredes são pintadas de azul, de verde, côr de laranja, vermelho, cinzento, conforme o andar. Estas diferenças de côres introduzem em tôda a organização dos serviços, uma ordem essencial: assim, cada enfermeira usa uma roseta da côr do andar a que pertence e esta particularidade facilita uma vigilância perfeita das regras da disciplina. Até os próprios objectos obedecem a esta classificação por côres: caldeiras, tijelas, carrinhos, todo o material tem também a côr do pavimento respectivo.

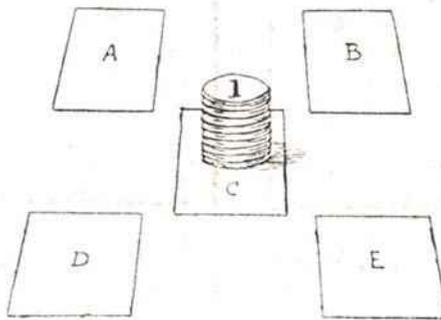
Não é fácil uma pessoa perder-se e andar correndo o hospital todo.

Por ocasião duma festa muçulmana realizada na mesquita de Paris foram sacrificados à divindade dois carneiros, perante numerosos turcos que vivem em França.

As dez rodelas

(Problema)

Coloquem-se cinco cartas, A, B, C, D, E, sôbre a mesa, na disposição que a figura representa, e em seguida, sôbre a carta C, coloquem-se dez rodelas numeradas de 1 a 10, segundo a sua ordem numérica, estando o número 1 na rodela do tôpo e o número 10 na da base. Pede-se a remoção de tôda a pilha de rodelas para outrá carta, movendo uma rodela de cada vez,



de carta para carta, não colocando nunca uma delas sôbre outras de número inferior ao seu.

Depois de algumas tentativas, consegue-se isto com relativa facilidade. Mas precisamos dizer que se deve empregar o menor número possível de movimentos e que êsse número é de 31.

Depois de descoberta a maneira de efectuar a transferência das dez rodelas em trinta e um movimentos, experimentem achar o menor número do movimentos possível para efectuarem, de modo análogo a transferência de vinte rodelas.

Um canadiano de cento e onze anos

O sr. John Birch, de North-Bay (Entário) é o homem mais velho do Canadá; festejou ha pouco, o seu 111.º aniversário, e nessa ocasião, para mostrar que possuía ainda uma vista esplêndida enfiou uma agulha, com tôda a ligeireza.

John Birch tomou parte na guerra da Criméa e emigrou para Canadá em 1886.

As serpentes e a música

Não é verdade que a música enfeitiça as serpentes, embora desde os mais remotos tempos nos países orientais e ainda hoje na Índia, muitos homens tenham pretendido possuir o poder de fazer com que as serpentes se levantem e dançem, tocando êles, qualquer gaita. Efectivamente, quando um dêsses «encantadores de serpentes» destapa um cêsto e dá algumas notas num instrumento de sôpro, a serpente ergue a cabeça e abana-a dum lado para outro. Mas a serpente procede tal e qual da mesma forma quando junto dela se produz qualquer som forte e agudo (quer musical, quer não), simplesmente por ter sido por êle perturbada. E o movimento de cabeça, designado como *dança* é também o movimento natural do reptil quando é perturbado seja por que motivo fôr. A razão por que uma gaita em especial parece produzir maior efeito nos reptis, é por ter um som muito agudo.

As serpentes não possuem ouvidos salientes e por isso a sua faculdade de ouvir é muito limitada. Sons pouco intensos, como as notas suaves da flauta ou o rufar do tambor, não as impressionam.

— Uma esmola, meu senhor, estive prisioneiro durante nove anos...

— Mas a guerra não durou nove anos!

— Não foi durante a guerra...



A senhora da esquerda: — Olha, fatos iguais aos nossos. Tem graça vêrmos .s.m. nos outros o efeito que nós fizemos, não é verdade?

(Do The Humorist)

Acaba de sair a 2.^a edição do

MIRADOURO

TIPOS E CASOS

POR ANTERO DE FIGUEIREDO

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS:

O capote do Snr. «Mariquinhas» — Apêgo à Dôr — Dr. Mendes «Gira» — Feira de Ano — Lúcia — Um sobretudo de respeito! — A paz do Lar — Uma espada... em bainhada! — O Barboza de Sejins — O Morgado de Sabariz.

1 vol. de 320 págs., broch. . . 12\$00 enc. . . 17\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Obras do ilustre professor DR. EDUARDO COELHO

- A finalidade da Universidade e o problema da Universidade Portuguesa (Conferência realizada na Sociedade de Geografia em 26 de Fevereiro de 1934)..... 5\$00
- Trombose das coronarias e infarto do miocárdio (Estudo experimental e clínico)..... 30\$00
- O Professor Ricardo Jorge (Breve ensaio crítico, seguido da resenha bibliográfica da sua obra)..... 15\$00
- A crise do pensamento contemporâneo e os problemas fundamentais da biologia e da psicologia (Conferência realizada na Faculdade de Medicina de Lisboa, a convite da Direcção da Associação dos Estudantes de Medicina)..... 7\$50

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

Banhos de agua fermal, Banhos de agua do mar quentes, BANHOS CARBO-GASOSOS, Duches, Irrigações, Pulverisações, etc. — — — —

FISIOTERAPIA, Luz, Calor, Electricidade médica, Raios Ultra-violetas, DIATERMIA e Maçagens. — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS

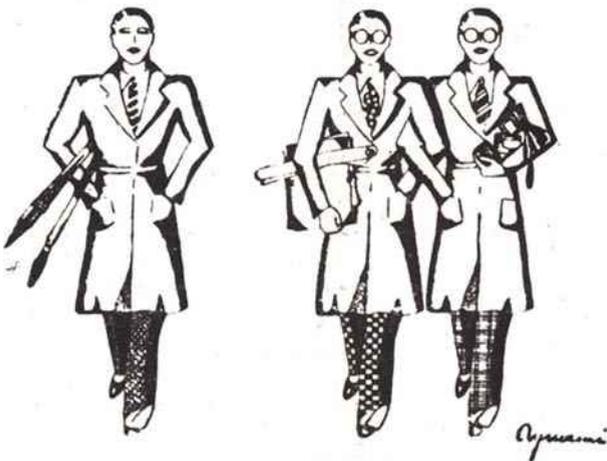


Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE

BERTRAND

2 1308

IRMÃOS, L.^{DA}

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

Um livro patriótico que desperta nas crianças o gosto pela História.

Portugueses de outrora

HISTÓRIA DE PORTUGAL
CONTADA POR CRIANÇAS

POR

MARIA PAULA DE AZEVEDO

Ilustrações de MAMIA ROQUE GAMEIRO

2.^a EDIÇÃO

1 vol. de 184 págs., ilustrado com 19 gravuras no texto e capa a côres . . . 10\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

Minerva Central

**LIVRARIA, PAPELARIA
e OFICINAS GRÁFICAS**

A mais antiga e importante
da Colónia de Moçambique

Depositário das mais importantes livrarias do país

Correspondência directa com as
principais casas editoras de **ESPAÑA,**
FRANÇA, ITÁLIA, INGLATERRA,
ALEMANHA e AMÉRICAS

Casa editora do **CODIGO TELEGRÁFICO "GUEDES"**
e de outras publicações

Completo sortido de todos os livros
para o ensino primário e secundário

LIVROS SOBRE ARTES, CIÊNCIAS E INDUSTRIAS



Fachada dos Estabelecimentos da Minerva Central em Lourenço Marques
na Rua Consiglieri Pedroso — fundados em 1907

PAPELARIA

O mais completo apetrechamento para escritório
dos melhores fabricantes europeus e americanos

**TIPOGRAFIA, ENCADERNAÇÃO
E FABRICO
DE CARIMBOS DE BORRACHA**

Fazem-se todos os trabalhos, livros e jornais

Caixa postal 212

End. Teleg. **MINERVA**

LOURENÇO MARQUES

— AFRICA ORIENTAL PORTUGUESA —

Rua Consiglieri Pedroso, 21 a 39

PUBLICAÇÕES ESTRANGEIRAS

O mais completo sortido de publicações
francesas, inglesas, alemãs: semanais,
quinzenais e mensais

Belas Artes — Cinema — Finanças
— Sports — Humorismo
— Música — Política — T. S. F. —
Técnicas e Científicas, etc.

Os melhores figurinos e revistas de modas,
mensais e de estação, tais como:

Jardin des Modes — Vogue — Femina — Les En-
fants — Lingerie — Les Ouvrages — Les Tricots
— Modes et Travaux — Mode Future — Weldon's
Ladies Journal — The Lady Fashion Book —
Die Dame, etc.

JORNAIS FRANCESES, INGLESES E BELGAS

Aceitam-se assinaturas e vendem-se avulso na

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

A' venda para liquidação os últimos exempla-
res do notável romance histórico

LEONOR TELLES

de **MARCELINO MESQUITA**

3 volumes de formato 18x28 com um total de 2.038 páginas
e 44 lindíssimos cromos de Roque Gameiro e Manuel de Macedo
pelo preço excepcional de

Esc. 30\$00 — pelo correio á cobrança, 35\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encader. com
351 páginas. **25\$00**

≡

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND

72, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar
do lactante

Tradução de Dr.^h Sára Be-
noliel e Dr. Edmundo Adler,
com um prefácio do Dr. L. Cas-
tro Freire e com a colaboração
do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo
volume ilustrado

6\$00

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DUAS EDIÇÕES DE LUXO DE OBRAS NOTAVEIS

CONSTANTINOPLA

Descrição de viagem, por Edmundo de Amicis, tradução de Manuel Pinheiro
Chagas. Espiandida edição com 224 páginas e 200 gravuras

ESC. 20\$00

MARROCOS

Descrição de viagem, por Edmundo de Amicis, tradução de Manuel Pinheiro
Chagas. Primorosa edição com 224 páginas e 170 gravuras

ESC. 20\$00

Qualquer das obras de grande formato, 31x22 em brochura pelo correio á cobrança

ESC. 25\$00

Preço excepcional e reduzidissimo para liquidação dos poucos exemplares
que restam

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA**

ANTOLOGIA PORTUGUESA

ORGANIZADA PELO

Dr. Agostinho de Campos

Sócio Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa

Volumes publicados:

Afonso Lopes Vieira, um volume.
Alexandre Herculano, um volume.
Antero de Figueiredo, um volume.
Augusto Gil, 1 volume.
Camões lírico, 1.^o, 2.^o, 3.^o e 4.^o volumes.
Eça de Queirós, dois volumes.
Fernão Lopes, três volumes.
Frei Luís de Sousa, um volume.
Guerra Junqueiro, verso e prosa, um volume.
João de Barros, um volume.
Lucena, dois volumes.
Manuel Bernardes, dois volumes.
Paladinos da linguagem, três volumes.
Trancoso, um volume.

Em preparação:

Camões lírico, 5.^o volume.

Cada volume brochado. **12\$00**

Cada volume encadernado. **17\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Um interessante livro para as crianças

A 2.^a EDIÇÃO
 muito remodelada

DO

Romance da Raposa

POR **AQUILINO RIBEIRO**

Com ilustrações do insigne artista francês
Benjamin Rabier

1 vol. de 176 págs., ilustrado com 44 gravuras
 no texto, 16 estampas a cores em hors-texte
 e capa a cores **15\$00**

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

IMPORTANTES OBRAS

ALGUMAS EDIÇÕES DE LUXO

PREÇO DOS ÚLTIMOS EXEMPLARES:

AMBIÇÃO DUM REI — romance histórico, por <i>Eduardo Noronha</i> , ilustrado com numerosas gravuras a cores, por Manuel de Macedo e Roque Gameiro. 3 vols. de 700 págs., cada, formato 28x19, broc.	45\$00	HOLANDA — descrição de viagem, por <i>Edmundo de Amicis</i> , 1 vol. de 218 págs., formato 8. ^o , profusamente ilustrado, broc.	10\$00
DRAMA DE AFRICA — grande romance de sensação, por <i>Leite Bastos</i> . Obra revista, desenvolvida e completada por <i>Gervasio Lobato</i> e <i>Jaime Vitor</i> , 5 vols. com mais de 350 págs. cada um, e 21 grav. broc.	30\$00	MELRO BRANCO — aventuras de terra e mar, por <i>Julio Berrilli</i> , ilustrado por Bonamore. Delicioso romance no género dos de Júlio Verne. 1 vol., formato 28x19, de 446 págs. e 51 grav. br.	30\$00
DRAMAS DA ESPADA — emocionante romance do grande escritor <i>Xavier Montepin</i> , 6 vols. de 220-350 págs. cada um, com 24 grav. broc.	30\$00	NO TEATRO E NA SALA — por <i>Guimar Torrezão</i> , com uma carta-prefácio de <i>Camilo</i> . 1 vol. de 328 págs., broc.	10\$00
EXILADOS DA TERRA — grande romance de <i>André Laurie</i> . I — O anão de Rhadameh; II — Os naufragos do espaço, 1 vol. de 479 págs., ilustrado com 79 composições de Jorge Roux, 8 das quais aguareladas e 14 impressas a duas cores; formato 28x19	25\$00	OS QUARENTA E SETE CAPITÃES — romance japonês, por <i>Tamenaga Shunsuy</i> , tradução de Ribeiro de Carvalho, 1 vol. de mais de 300 págs., com capa género japonês, impressa a cores, broc.	10\$00
HANIA — romance de <i>Henrik Sienkiewicz</i> , seguido dos contos «Extrato do diário dum perceptor de Posen» e «A tourada» (recordações de Espanha), 1 vol. de 202 págs., broc.	4\$00	RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL — romance histórico por <i>Faustino da Fonseca</i> , 3 grossos vols. de 600 págs. cada e 154 gravuras, formato grande, com muitas ilustrações, broc.	45\$00
HENRIQUETA — romance por <i>François Coppée</i> , trad. de Guimar Torrezão, 1 vol. de 250 págs. br.	10\$00	SEM DOGMA — romance de <i>Henryk Sienkiewicz</i> , seguido dos contos «Bartek, o vitorioso» e «Lillian Morris», trad. de Eduardo Noronha, 2 vols. de 220 págs. cada, broc.	10\$00

Pelo correio, à cobrança, acresce as despesas que regula cerca de 15 0/0 sobre o valor de cada obra.

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a cores e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, selos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a cores fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a cores e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são impercíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henriqué Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00
 " " " " carneira 190\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
 73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br.	15\$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	15\$50
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ETERNO FEMININÓ — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol.	2\$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br.	1\$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND
 Rua Garrett, 73 e 75 - LISBOA

INDISPENSÁVEL EM TODAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA

Médico dos Hospitais de Lisboa

RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA
HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM
FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica** é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra, incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida** pelo nome do autor ilustre, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso dum ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos e instruções **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc., emfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflicção e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tôda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta

Em inúmeros casos de doença, dispostos por ordem alfabética, atende, responde, ensina o

MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA

E assim, quando na **ausência de médico, por o não haver, ser distante a sua residência**, ou na sua falta, **como no interior**, e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **Manual de Medicina Doméstica**, nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações para se providenciar com segurança.

QUEM DEVE E NÃO DEVE PRATICAR SPORTS, QUAIS E COMO DEVEM USAR-SE PARA QUE, EM VEZ DE BENEFÍCIO, NÃO RESULTE A PERDA DA SAÚDE.

O QUE EXISTE DE RECOMENDÁVEL PARA CONSERVAR O VIGOR, A MOCIDADE E A BELEZA.

REGRA DE BEM VIVER PARA CONSEGUIR A LONGA VIDA.

1 vol. de 958 páginas, nitidamente impresso, profusamente ilustrado,
encadernado em percalina, **Esc. 35\$00**

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

Indispensável a tôda a gente

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73, 75 — LISBOA

Venda a prestações contra entrega imediata da obra. O cliente paga a 1.^a prestação e leva para casa os 21 volumes



HISTÓRIA UNIVERSAL

de GUILHERME ONCKEN

A mais completa e autorizada história universal até hoje publicada

Tradução dirigida por

CONSIGLIERI PEDROSO, AGOSTINHO FORTES, F. X. DA SILVA TELES e M. M. D'OLIVEIRA RAMOS
antigos professores de História, da Faculdade de Letras

21 vols. no formato de 17^{cm.} × 26^{cm.}, 18.948 págs., 6.148 grav. e 59 hors-textes

ENCADERNAÇÃO PRÓPRIA EM PERCALINA

Os poucos exemplares que restam, resolveram os editores, para facilitar a sua aquisição, vendê-los a prestações mensais

Preço desta obra colossal, encadernada, **Esc. 1.365\$00**

1.^a prestação, Esc. 165\$00 — As restantes 12, a Esc. 100\$00 cada mês

Com o pagamento da 1.^a prestação o comprador leva imediatamente a obra completa para enriquecer a sua estante ou a sua banca de trabalho

Peçam informações mais detalhadas à

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA